

29 DE OUTUBRO A 1º DE NOVEMBRO DE 2024



CADERNO DE RESUMOS
XXVIII SEMANA DE FILOSOFIA e XXIII SEMANA DE INTEGRAÇÃO
GRADUAÇÃO/PÓS-GRADUAÇÃO da FAFIL/UFG



Cristiano Novaes de Rezende
Martina Korelc
Elliot Santovich Scaramal
Rosângela Chaves
(organizadores)



UFV

Cegraf UFV





Universidade Federal de Goiás

Reitora

Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor

Jesiel Freitas Carvalho

Diretora do Cegraf UFG

Maria Lucia Kons

Comissão científica

André da Silva Porto

Cristiano Novaes de Rezende

Elliot Santovich Scaramal

Fábio Ferreira de Almeida

Hans Christian Klotz

Helena Esser dos Reis

Martina Korelc

Renato Moscatelli

Rosângela Chaves

Comissão organizadora

Cristiano Novaes de Rezende
cnrzende@ufg.br

Martina Korelc
martina@ufg.br

Rosângela Chaves
rosangela.chaves@ufg.br

Elliot Santovich Scaramal
elliotscaramal@ufg.br

Bruna Guerra
bguerra@discente.ufg.br
(representante da pós-graduação)

Anna Luisa N. Vieira
anna_luisa@discente.ufg.br
(representante da graduação)



CADERNO DE RESUMOS
XXVIII SEMANA DE FILOSOFIA e XXIII SEMANA DE INTEGRAÇÃO
GRADUAÇÃO/PÓS-GRADUAÇÃO da FAFIL/UFG



Cristiano Novaes de Rezende
Martina Korelc
Elliot Santovich Scaramal
Rosângela Chaves
(organizadores)

Cegraf UFG

2024

© 2024 Cristiano Novaes de Rezende; Martina Korelc; Elliot Santovich Scaramal; Rosângela Chaves (org.)

© 2024 Cegraf UFG

Revisão de textos

Rosângela Chaves

Projeto gráfico e diagramação

Julyana Aleixo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Semana de Filosofia. Semana de Integração
Graduação/Pós-graduação da FAFIL/UFG (28. :
23. : 2024 : Goiânia, GO)
XXVIII Semana de Filosofia e XXIII Semana de
Integração Graduação/Pós-graduação da FAFIL/UFG
[livro eletrônico] / organização Cristiano Novaes
de Rezende...[et al.]. -- 1. ed. -- Goiânia, GO :
Cegraf UFG, 2024.

PDF

Vários autores.
Outros organizadores: Martina Korelc, Elliot
Santovich Scaramal, Rosângela Chaves.

Bibliografia.
ISBN 978-85-495-0998-7

1. Educação 2. Filosofia - Congressos - Brasil
3. Pesquisa científica I. Rezende, Cristiano
Novaes de. II. Korelc, Martina. III. Scaramal,
Elliot Santovich. IV. Chaves, Rosângela.

24-234678

CDD-100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	9
PROGRAMAÇÃO	11
CONFERÊNCIAS	23
E MINICURSOS.....	23
CONFERÊNCIAS	24
MINICURSOS.....	27
COMUNICAÇÕES	28
“A Densa Ausência de Mundo”:	29
O Nada em Mallarmé e Blanchot.....	29
A Banalização do Mal como Decorrência da Ausência do Pensar.....	30
A Anterioridade da Efetividade em Relação à Capacidade em Metafísica Θ: Pelo Tempo, pela Causa e pela Substância. Possuem Sentidos Lógicos ou Ontológicos?.....	31
A Autoridade dos Atos de Fala Pictóricos da Pornografia em sua Dimensão Subordinativa	32
A Concepção da Alma em Edith Stein	33
A Filosofia da Memória de Sue Campbell	34
A Filosofia em Bergson e Bachelard	35
A Fusão Analítica entre Liberdade e Igualdade na Teoria da Justiça de John Rawls	36
A Pessoa em Edith Stein e os Cuidados Paliativos	37
Aristóteles e a Responsabilidade Moral: Compatibilista ou Incompatibilista?	38
A Política e os Direitos Humanos	39
A Referência <i>de re</i> das Intuições Sensíveis e a Referência <i>de dicto</i> dos Conceitos do Entendimento: Uma Interpretação Anti-Intelectualista Relacionalista de Kant	40

A REPETIÇÃO RITUAL COMO FORÇA POLÍTICO-PEDAGÓGICA.....	41
A TEORIA NATURALISTA DOS NOMES NO CRÁTILO DE PLATÃO.....	42
A TRANSFORMAÇÃO DO CONCEITO DE COISA EM SI NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE.....	43
A VULNERABILIDADE DA EUDAIMONIA.....	44
APARATOS TECNOLÓGICOS, ENSINO E APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA EM CRISE	45
AS INTERPRETAÇÕES DE “SEPARAÇÃO CORPO-ALMA” NO FÉDON.....	46
AS TIPIFICAÇÕES DA PSICOLOGIA NA OBRA DE NIETZSCHE	47
AUTOCONHECIMENTO E INTERIORIDADE: A BUSCA FILOSÓFICA DE AGOSTINHO DE HIPONA.....	48
CONSCIÊNCIA DE SI, CONHECIMENTO DE SI E IDENTIDADE: A TEORIA KANTIANA DA AUTOCONSCIÊNCIA EM PERSPECTIVA	49
CONSCIÊNCIA MORAL E AMOR MUNDI: ELEMENTOS PARA PENSAR O ENSINO DE FILOSOFIA COM HANNAH ARENDT	50
CONSTRUINDO PONTES FILOSÓFICAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: EXPLORANDO A NARRATIVA DE MATILDA ATRAVÉS DOS PENSAMENTOS DE PAULO FREIRE, MATTHEW LIPMAN E PLOTINO	51
CONTRA A HISTÓRIA MUNDIAL: PERSPECTIVA SOBRE A PRÉ-HISTÓRIA DA MORALIDADE EM NIETZSCHE	52
DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA ANTIGA NO ENSINO SUPERIOR	53
DILEMAS MORAIS E A ATIVIDADE JUDICIAL: A TRAGÉDIA DE DECIDIR	54
DO CONCEITUAL AO SIMBÓLICO: A QUESTÃO DA LINGUAGEM NA FILOSOFIA BACHELARDIANA	55
É MUITO MAIS BELO SER DIVINO: UMA LEITURA DO ÍON DE PLATÃO.....	56
EPISTEMOLOGIA DA SOCIOPATIA.....	57
EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS EM E. DUSSEL E P. H. COLLINS: CRÍTICA AO APAGAMENTO DO CONHECIMENTO DE POVOS QUE FORAM COLONIZADOS	58
ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A CONCEPÇÃO DO PRINCÍPIO DO SABER EM FICHTE.....	59
FETICHISMO E REGRESSO MUSICAL NA TEORIA DE THEODOR ADORNO: UMA ANÁLISE CRÍTICA	60
FILOSOFIA E FORMAÇÃO DOCENTE: RELATOS E VIVÊNCIAS A PARTIR DO PIBID	61
HANNAH ARENDT E A NEGAÇÃO DO PENSAMENTO.....	62
HANNAH ARENDT: DA CONDIÇÃO DE PÁRIA A OUTROS MODOS DE FAZER FILOSOFIA	63
INDIVIDUALIDADE CONTRA INDIVIDUALISMO: CONTORNOS DA IDEIA DE AUTENTICIDADE NA POLÍTICA DE ROUSSEAU.....	64

INDÚSTRIA CULTURAL VERSUS ANTIMÚSICA: MÚSICA CONCRETA E NOISE À LUZ DA FILOSOFIA DA MÚSICA DE THEODOR ADORNO	65
INTERPRETAÇÃO RADICAL DA AÇÃO INTENCIONAL: POSSIBILIDADES PARA UM NOVO HORIZONTE DE REFLEXÃO MORAL	66
INVESTIGAÇÃO ACERCA DA EXISTÊNCIA DE DILEMAS MORAIS NA REPÚBLICA DE PLATÃO	67
JESUS NA FILOSOFIA DE SPINOZA	68
MAL E SOFRIMENTO EM RICOEUR: O PADECIMENTO DO JUSTO NO LIVRO DE JÓ.....	69
MONITORIA PARA QUE E PARA QUE SERVE SER MONITOR? UM OLHAR SOBRE OS BENEFÍCIOS DE SER MONITOR E DE QUE MANEIRA ISSO CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO EM LICENCIATURA	70
NATUREZA HUMANA EM MAQUIAVEL	71
NIETZSCHE E FREUD: APROXIMAÇÕES A PARTIR DA ESTÉTICA E FILOSOFIA DO TRÁGICO.....	72
NOTAS SOBRE A NOÇÃO DE MORTE E A LINGUAGEM EM ESPINOSA.....	73
O 8 DE JANEIRO DE 2023 DIANTE DA MENTIRA DELIBERADA E DA PROPAGANDA DE MASSAS: REFLEXÕES A PARTIR DE HANNAH ARENDT	74
O COMPATIBILISMO NA TERCEIRA ANTINOMIA DA RAZÃO PURA	75
O CONCEITO DE ABJETO EM BUTLER E SUA POSSIBILIDADE DE AMPLIAÇÃO DOS ENQUADRAMENTOS.....	76
O CONCEITO DE GOSTO SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU	77
O CONCEITO DE JUSTIÇA NA CIDADE DE DEUS DE AGOSTINHO DE HIPONA.....	78
O CONTRASTE NAS RELAÇÕES DE TEMPO E IDENTIDADE ENTRE SÍMBOLO E ALEGORIA: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DE WALTER BENJAMIN E PAUL DE MAN	79
O GÊNERO CENSURADO: A MULHER COMO UM SER INAPROPRIADO AO ESPAÇO PÚBLICO E À POLÍTICA.....	80
O JOGO COMO ATIVIDADE PROPULSORA DA CRIATIVIDADE NO PENSAMENTO DE ALFONSO LÓPEZ QUINTÁS	81
O MAL-ESTAR NA DOCÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE FILOSOFIA	82
O NIILISMO EM ASSIM FALOU ZARATUSTRA	83
O PAPEL DA METÁFORA NA FILOSOFIA DE JUVENTUDE DE NIETZSCHE	84
O PODER NA ERA DA INFORMAÇÃO: COMENTÁRIOS ACERCA DA DIFERENÇA ENTRE INSTRUMENTARISMO E TOTALITARISMO DIGITAL.....	85
O USO DE TÉCNICAS MILITARES NO PROCESSO DE DOMINAÇÃO TOTALITÁRIA DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO	86
PARA ALÉM DAS DÚVIDAS, A MONITORIA COMO MEIO DE CRESCIMENTO FILOSÓFICO.....	87

PENSAR A EDUCAÇÃO PARA UMA EDUCAÇÃO DO PENSAR: AUTORIDADE E TOTALITARISMO NA FILOSOFIA DE HANNAH ARENDT.....	88
PODE UM NEURODIVERGENTE FILOSOFAR? TATEANDO RESPOSTAS	89
PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE O LUGAR DO DEBATE NAS AULAS DE FILOSOFIA PARA O ENSINO MÉDIO.....	90
QUAL O LUGAR DA ESCOLA E DO ENSINO DE FILOSOFIA NO CULTIVO DA SINGULARIDADE DAS(OS) ESTUDANTES?	91
QUESTÕES SOBRE VALOR ESTÉTICO E VALOR ARTÍSTICO NA DICOTOMIA MAINSTREAM X UNDERGROUND.....	92
REFLEXÕES SOBRE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E BEM COMUM A PARTIR DA FILOSOFIA DE ESPINOSA	93
SCHOPENHAUER E A KALISANTARAᅀOPANIᅀAD.....	94
SOBRE AS IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DA TEORIA DOS SONHOS DE ARTHUR SCHOPENHAUER.....	95
VERDADE E POLÍTICA EM TEMPOS DE INFOCRACIA: ENTRE HANNAH ARENDT E BYUNG-CHUL HAN	96
“UM PROBLEMA PARA MÚSICOS” NÃO É UM PROBLEMA MUSICAL: GRANDE SAÚDE E CULTURA N’O CASO WAGNER DE NIETZSCHE.....	97
UMA ABORDAGEM FEMINISTA DOS ESTILOS DE NIETZSCHE	99
UMA ABORDAGEM SOBRE A TEORIA DO CAPITAL HUMANO A PARTIR DE PAUL PRECIADO	100
UMA FILOSOFIA DA MENTE EXPERIMENTAL: SOBRE INTERAÇÕES PRAGMÁTICAS COM MÁQUINAS DE CONSCIÊNCIA ARTIFICIAL.....	101
UNIVERSIDADE OPERACIONAL E PRÁTICA FILOSÓFICA: CAMINHOS PARA CONCEPÇÕES CRÍTICAS DE AUXÍLIO PEDAGÓGICO	103
RELATÓRIOS PIBID.....	105
RELATÓRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID 2022 -2024.....	106
RELATÓRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID 2022 -2024.....	107



APRESENTAÇÃO

A primeira edição da Semana de Filosofia da UFG ocorreu em 1993 e, desde então, tem sido realizada regularmente. A partir de 1998, a Semana de Integração da Graduação e Pós-Graduação foi associada ao evento, no intuito de fortalecer as atividades do PPGFil-UFG e suas relações com os cursos de graduação da FaFil-UFG. Desse modo, 27 edições da Semana já foram realizadas, com a participação de um número significativo de docentes e discentes tanto da UFG quanto de outras instituições de ensino superior do país e do exterior. Nesta edição, o evento conta com o apoio da CAPES e da PROEC-UFG e terá a presença de renomados professoras(es) pesquisadoras(es) convidada(os) de sete universidades brasileiras – UnB, USP, Unicamp, UFMT, UFRJ, UNILA E UFTPR –, que ministrarão minicursos e conferências. Também celebra um número recorde de comunicações – mais de 70, distribuídas em cinco sessões, com até quatro mesas simultâneas –, de discentes da graduação e da pós-graduação, além de mestras(es) e doutoras(es), que apresentarão suas pesquisas envolvendo as diferentes áreas da Filosofia.

Entre os principais objetivos da XXVIII Semana de Filosofia e XXIII Semana de Integração Graduação/Pós-Graduação da FaFil-UFG, figuram o aprimoramento do ensino e da pesquisa em Filosofia no Centro-Oeste brasileiro e particularmente no estado de Goiás, bem como a divulgação dos resultados dessas atividades aqui já realizadas, colocando em contato estudantes e jovens pesquisadoras(es) com professoras(es) e pesquisadoras(es) de referência nacio-



nal e internacional, de diversas universidades brasileiras, por meio de comunicações, conferências, mesas-redondas e minicursos. Não obstante, há que se destacar que, concomitante a tais objetivos, condizentes com o intuito de integrar graduação e pós-graduação, bem como a produção filosófica regional e nacional, destaca-se o objetivo mais amplo de revitalização e fortalecimento da própria área de Filosofia no Centro-Oeste brasileiro e particularmente no estado de Goiás.

É importante destacar que, desde meados de 2016, a Filosofia teve sua relevância cultural e sociopolítica questionada por alguns setores da sociedade e até mesmo por certos segmentos das instituições governamentais. Tal desvalorização – perceptível, por exemplo, na diluição da disciplina de Filosofia em conteúdos transversais no “Novo Ensino Médio” e na correspondente diminuição de postos de trabalho para os egressos de nossa graduação – foi acompanhada por uma queda da demanda pelos cursos de Filosofia. Assim, além dos objetivos naturalmente visados por uma Semana de Filosofia, soma-se aqui o objetivo estratégico de revitalização do ingresso de estudantes em nossa graduação e do fluxo de pesquisadoras(es) que alimentam nossa pós-graduação (nota 5), a qual, no ano passado, orgulhosamente celebrou 30 anos de existência.

A Comissão Organizadora



PROGRAMAÇÃO

DIA 29/10 – TERÇA-FEIRA

8h-10h – Credenciamento

Local: Sala da Pós-graduação da FaFIL (H2, FaFIL)

10h-10h20 – Mesa de abertura: Prof. Dr. Cristiano Novaes de Rezende (Comissão Organizadora da Semana de Filosofia), Prof. Dr. Anderson Borges (Direção da FaFIL), Prof. Dr. Fábio Ferreira de Almeida (PPGFIL), Profa. Dra. Luana Ribeiro (PROEC) e Prof. Dr. Felipe Martins (PRPG)

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

10h20-12h20 – Painel – *O lugar das Humanidades no sistema de ensino e na sociedade atual*, Prof. Dr. Fábio Ferreira de Almeida (FaFIL), Profa. Dra. Amone Alves (FE), Prof. Dr. Carlos Oiti (FH), Profa. Dra. Lorena de Souza (IESA) e Profa. Dra. Lucinéia Martins (FCS)

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

14h-16h – Comunicações mistas


Graduação e Pós-graduação

SESSÃO 1

Sala 1 – Nietzsche

Local: H1, sala 6, Ciências Sociais

1. *A transformação do conceito de coisa em si na filosofia de Nietzsche*, Arthur Brito Neves (Doutorando em Filosofia – UFG)
2. *O nihilismo em Assim Falou Zaratustra*, David Miguel Costa (Graduando em Filosofia – UFG)

- 
3. *O papel da metáfora na filosofia de juventude de Nietzsche*, Gabriel Anjos da Silva (Mestrando em Filosofia - UFG)
 4. *Nietzsche e Freud: aproximações a partir da estética e filosofia do trágico*, Bruno Werneck (Graduando em Filosofia - UFG)

Sala 2 – Hannah Arendt

Local: H1, sala 4, Ciências Sociais

1. *Hannah Arendt: da condição de pária a outros modos de fazer filosofia*, Carmelita Felício (Doutoranda em Filosofia e Profa. da FaFIL - UFG)
2. *Hannah Arendt e a negação do pensamento*, Paulo Ricardo Gontijo Loyola (Doutorando em Filosofia - UFG)
3. *A banalização do mal como decorrência da ausência do pensar*, Bruna Silva Guerra (Mestranda em Filosofia - UFG)
4. *O poder na era da informação: comentários acerca da diferença entre instrumentalismo e totalitarismo digital*, André Vinícius Dias Carneiro (Mestrando em Filosofia - UFG)

Sala 3 – Agostinho e Edith Stein

Local: H1, sala 3, Filosofia

1. *O conceito de justiça na ‘Cidade de Deus’ de Agostinho de Hipona*, Paulo Afonso Tavares (Doutorando em História - UFG)
2. *Autoconhecimento e interioridade: A busca filosófica de Agostinho de Hipona*, Ana Kelly Ferreira Souto Pinto (Doutoranda em Filosofia - UFG)
3. *A concepção da alma em Edith Stein*, Rian Ferreira dos Santos Rocha (Graduando em Filosofia - UFG)



Sala 4 – Estética

Local: H1, sala 1, Ciências Sociais

1. *O contraste nas relações de tempo e identidade entre símbolo e alegoria: uma interpretação a partir de Walter Benjamin e Paul De Man*, Gabriel Nunes de Souza Jinkings (Mestrando em Filosofia – UFG)
2. *Indústria cultural versus antimúsica: música concreta e noise à luz da filosofia da música de Theodor Adorno*, Ysney Barbosa Santos (Graduando em Filosofia – UFG)
3. *Questões sobre valor estético e valor artístico na dicotomia mainstream x underground*, Wander Arantes de Paiva Segundo (Doutorando em Filosofia – UFG)
4. *O conceito de gosto segundo Jean-Jacques Rousseau*, Geraldo Márcio da Silva (Doutorando em Educação – UFG)

16h15-18h15 – Comunicações mistas


Graduação e Pós-graduação

SESSÃO 2

Sala 1 – Nietzsche

Local: H1, sala 6, Ciências Sociais

1. *As tipificações da psicologia na obra de Nietzsche*, Júlio César Ferreira de Matos Freitas (Mestrando em Filosofia – UFG)
2. *Uma abordagem feminista dos estilos de Nietzsche*, Luciene Marques de Lima (Doutoranda em Filosofia – UFG)
3. *Contra a história mundial: perspectiva sobre a pré-história da moralidade em Nietzsche*, Lucas Romanowski Barbosa (Doutorando em Filosofia – UFG)
4. *“Um problema para músicos” não é um problema musical: Grande saúde e cultura n’O caso Wagner de Nietzsche*, Fernando da Silva Machado (Mestre em Filosofia – UFG)



Sala 2 – Ética

Local: H1, sala 4, Ciências Sociais

1. *Dilemas morais e a atividade judicial: a tragédia de decidir*, Eduardo Perez Oliveira (Mestre em Filosofia – UFG)
2. *Mal e sofrimento em Ricoeur: o padecimento do justo no livro de Jó*, Vinicius Araujo da Silva Nascimento (Mestrando em Filosofia – UFG)
3. *Interpretação radical da ação intencional: possibilidades para um novo horizonte de reflexão moral*, Rafael Carneiro Rocha (Doutor em Filosofia – UFSC)

Sala 3 – Filosofia Antiga – Platão


Local: H1, sala 3, Filosofia

1. *Investigação acerca da existência de dilemas morais na República de Platão*, Gabriela Carvalho Carneiro (Mestra em Filosofia – UFG)
2. *A teoria naturalista dos nomes no Crátilo de Platão*, Eduardo Freitas Nascimento (Mestrando em Filosofia – UFG)
3. *As interpretações de “separação corpo-alma” no Fédon*, Déborah Paula Vaz Pinto (Graduanda em Filosofia – UFG)
4. *É muito mais belo ser divino: uma leitura do Íon de Platão*, Bruna Morais (Mestra em Filosofia – UFG)

Sala 4 – Gênero/decolonialidade

Local: H1, sala 1, Ciências Sociais

1. *O gênero censurado: a mulher como um ser inapropriado ao espaço público e à política*, Ingrid Talissa Barbosa de Brito (Mestranda em Filosofia – UFG)
2. *Epistemologias decoloniais em E. Dussel e P. H. Collins: Crítica ao apagamento do conhecimento de povos que foram colonizados*, Aparecida Cristina da Silva (Graduanda em Filosofia – UFG) e Prof. Dr. Filipe Lazzeri (FaFIL/UFG)

- 
3. *O conceito de abjeto em Butler e sua possibilidade de ampliação dos enquadramentos*, Alex Ferreira de Almeida (Mestrando em Filosofia – UFMT)
 4. *Uma abordagem sobre a Teoria do Capital Humano a partir de Paul Preciado*, Luiz Roberto dos Santos Corrêa Neto (Graduando em Ciências Sociais – Licenciatura – UFG)

19h-21h – Conferência 1

Profa. Dra. Veronica Ferreira Bahr Calazans (UTFPR) – *O ensino de filosofia na formação técnica e tecnológica: uma proposta simondoniana*

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

DIA 30/10 – QUARTA-FEIRA

8h-10h – Minicurso 1

Prof. Dr. Filipe Ceppas (UFRJ) – *Antropofagia, Filosofia Ameríndia e Ensino de Filosofia*

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

10h15-12h15 – Mesa-redonda

Estudantes da Residência Pedagógica e do PIBID: *Resultados e perspectivas do PIBID e da RP da FAFIL*

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

14h-16h – Comunicações mistas


Graduação e Pós-graduação

SESSÃO 3

Sala 1 – Espinosa

Local: H1, sala 6, Ciências Sociais

1. *Reflexões sobre participação política e bem comum a partir da filosofia de Espinosa*, Victor Fiori Augusto (Doutorando em Filosofia – UFG)

- 
2. *Jesus na filosofia de Spinoza*, José Soares das Chagas (Prof. Dr. - UFT)
 3. *Notas sobre a noção de morte e a linguagem em Espinosa*, Maykel Mizaél de Paiva (Graduando em Filosofia - UFG)
 4. *Pode um neurodivergente filosofar? Tateando respostas*, Guilherme Carneiro de Araújo (Graduando em Filosofia - UFG) e Reginaldo dos Santos Gomes (Graduando em Filosofia - UFG)

Sala 2 – Filosofia Antiga – Aristóteles


Local: H1, sala 4, Ciências Sociais

1. *A anterioridade da efetividade em relação à capacidade em Metafísica Θ : pelo tempo, causa e substância. Possuem sentidos lógicos ou ontológicos?*, Arlindo M. F. Netto (Graduando em Filosofia e bacharel em História - UFG)
2. *Aristóteles e a responsabilidade moral: compatibilista ou incompatibilista?*, Matheus Bezerra Parente (Graduando em Filosofia - UFG)
3. *A vulnerabilidade da eudaimonia*, Geovane Torres Rino (Mestrando em Filosofia - UFG)

Sala 3 – Schopenhauer, Epistemologia e Arte

Local: H1, sala 1, Ciências Sociais

1. *Sobre as implicações epistemológicas da teoria dos sonhos de Arthur Schopenhauer*, Jonathan Postaué Marques (Licenciado em Filosofia - UFMS)
2. *Schopenhauer e a Kalisantaranoṇaniṣad*, Roberto Pereira Veras (Pós-doutorando em Educação - UCB)
3. *Epistemologia da sociopatia*, Rafael Sarto Muller (Doutor em Letras - PUC-MG)
4. *Fetichismo e Regresso Musical na Teoria de Theodor Adorno: Uma Análise Crítica*, Matheus Felipe de Almeida Balthazar (Graduando em Filosofia - UFG)



16h15-18h15 – Minicurso 2

Profa. Dra. Tessa Moura Lacerda (USP) – *Leibniz: o mais moderno dos modernos?*

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

19h-21h – Conferência 2

Prof. Dr. Napoleão Azevedo (UNILA) – *Virtudes e potências da alma em Tomás de Aquino*

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

DIA 31/10 – QUINTA-FEIRA

8h-10h – Minicurso 1

Prof. Dr. Filipe Ceppas (UFRJ) – *Antropofagia, Filosofia Ameríndia e Ensino de Filosofia*

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

10h15-12h15 – Conferência 3

Prof. Dr. Bernardo Alonso (UFMT) – *Informação, desinformação e alucinação artificial*

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

14h-16h – Comunicações mistas


Graduação e Pós-graduação

SESSÃO 4

Sala 1 – Bachelard, o lúdico e o poético

Local: H1, sala 6, Ciências Sociais

1. *O jogo como atividade propulsora da criatividade no pensamento de Alfonso López Quintás*, Luciana Schuster (Doutoranda em Filosofia – Universidade Católica Portuguesa)
2. *“A densa ausência de mundo”: O nada em Mallarmé e Blanchot*, Erick Sousa Charu (Graduando em Filosofia – UFG)

- 
3. *Do conceitual ao simbólico: a questão da linguagem na filosofia bachelardiana*, Mateus Henrique de Sousa (Mestrando em Filosofia – UFG)
 4. *A filosofia em Bergson e Bachelard*, Henio Pereira Rezende (Graduando em Filosofia – UFG)

Sala 2 – Kant e Fichte

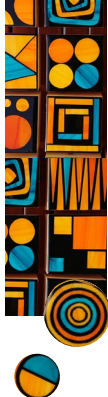
Local: H1, sala 4, Ciências Sociais

1. *A referência de re das intuições sensíveis e a referência de dicto dos conceitos do entendimento: uma interpretação anti-intelectualista relacionalista de Kant*, Bergkamp Pereira Magalhães (Doutorando em Filosofia – UFRJ)
2. *O compatibilismo na Terceira Antinomia da Razão Pura*, Thiago Silva Medeiros (Graduando em Filosofia – UFG)
3. *Consciência de si, conhecimento de si e identidade: a teoria kantiana da autoconsciência em perspectiva*, Paola Dias Bauce (Mestranda em Filosofia – UFG)
4. *Estudo preliminar sobre a concepção do princípio do saber em Fichte*, Marco Antônio Gomes de Freitas (Graduando em Filosofia – UFG)

Sala 3 – Ensino de Filosofia

Local: H1, sala 1, Ciências Sociais

1. *A repetição ritual como força político-pedagógica*, Rafael Lopes Batista (Mestre em Educação – UEMS)
2. *Aparatos tecnológicos, ensino e aprendizagem da Filosofia no contexto de uma escola em crise*, Matheus Reis Toledo (Graduando em Filosofia/Licenciatura – UFG).
3. *Filosofia e formação docente: relatos e vivências a partir do PIBID*, Aylanne Sousa Vaz, Isabella Alvarenga Lobo Frazão, Rhaynara Moraes de Almeida Santos e Thaynara de Brito Glória (UnB)

- 
4. *Construindo pontes filosóficas na educação inclusiva: explorando a narrativa de Matilda através dos pensamentos de Paulo Freire, Matthew Lipman e Plotino*, Larissa Lacerda (Graduanda em Filosofia/Licenciatura – UFG)

16h15-18h15 – Minicurso 2

Profa. Dra. Tessa Moura Lacerda(USP) – *Leibniz: o mais moderno dos modernos?*

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

19h-21h – Conferência 4

Profa. Dra. Taisa Palhares (UNICAMP) – *Alberto da Veiga Guignard: modernismo, nacionalismo e tradição na arte brasileira*

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

22h – Confraternização

1º/11 – SEXTA-FEIRA

8h-10h – Comunicações mistas

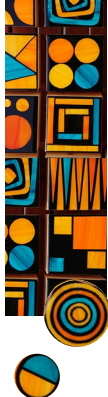
Graduação e Pós-graduação

SESSÃO 5

Sala 1 – Ensino de Filosofia

Local: H1, sala 6, Ciências Sociais

1. *O mal-estar na docência e suas implicações no ensino de filosofia*, Ludmylla Pereira da Silva (Graduanda em Filosofia/Licenciatura – UFG)
2. *Problematizações sobre o lugar do debate nas aulas de filosofia para o ensino médio*, Tahinny da Silva Lobo (Graduada em Filosofia/Licenciatura – UFG)
3. *Qual o lugar da escola e do ensino de filosofia no cultivo da singularidade das/dos estudantes?*, Lorrany Mendes Lima (Graduanda em Filosofia/Licenciatura – UFG)

- 
4. *Consciência moral e amor mundi: elementos para pensar o ensino de filosofia com Hannah Arendt*, Emmanuel de Paula Ferreira Rocha (Graduando em Filosofia/Licenciatura – UFG)

Sala 2 – Política

Local: H1, sala 4, Ciências Sociais

1. *Individualidade contra individualismo: contornos da ideia de autenticidade na política de Rousseau*, Gabriel Telles dos Santos Burgarelli (Doutorando em Filosofia – UFG)
2. *A política e os direitos humanos*, Ricardo Souza de Alecrim (Graduado em Filosofia – UFG)
3. *A fusão analítica entre liberdade e igualdade na teoria da justiça de John Rawls*, Sergio Murilo Fernandes Munhoz Fontana (Mestrando em Filosofia – UFG)
4. *Natureza humana em Maquiavel*, Helder Canal de Oliveira (Doutor em Sociologia e doutorando em Filosofia – UFG)

10h15-12h15 – Comunicações mistas


Graduação e Pós-graduação

SESSÃO 6

Sala 1 – Monitoria na FaFIL

Local: H1, sala 6, Ciências Sociais

1. *Monitoria para que e para que serve ser monitor? Um olhar sobre os benefícios de ser monitor e de que maneira isso contribui para a formação em licenciatura*, Elias Ribeiro da Silva Junior (Graduando em Filosofia – UFG)
2. *Para além das dúvidas, a monitoria como meio de crescimento filosófico*, Arthur Augusto Alves de Oliveira (Graduando em Filosofia – UFG)
3. *Universidade operacional e prática filosófica: caminhos para concepções críticas de auxílio pedagógico*, Ysnay Barbosa Santos (Graduando em Filosofia – UFG)

- 
4. *Desafios da aprendizagem de Filosofia Antiga no ensino superior*, Thiago Silva Medeiros (Graduando em Filosofia - UFG)

Sala 2 – Hannah Arendt

Local: H1, sala 4, Ciências Sociais

1. *O 8 de janeiro de 2023 diante da mentira deliberada e da propaganda de massas: reflexões a partir de Hannah Arendt*, Emmanuel de Paula Ferreira (Graduando em Filosofia/Licenciatura - UFG)
2. *Pensar a educação para uma educação do pensar: autoridade e totalitarismo na filosofia de Hannah Arendt*, Isael Rodrigues Pimentel (Mestrando em Educação - UFG)
3. *O uso de técnicas militares no processo de dominação totalitária dos campos de concentração*, Samarone de Oliveira Lopes (Doutorando em Filosofia - UFG)
4. *Verdade e política em tempos de infocracia: entre Hannah Arendt e Byung-Chul Han*, Kaique Agostineti (Graduando em Filosofia - UFG e doutor em Comunicação - UnB)

Sala 3 – Pessoa, mente e linguagem

Local: H1, sala 1, Ciências Sociais

1. *Uma filosofia da mente experimental, sobre interações pragmáticas com máquinas de consciência artificial*, Arthur Augusto Alves de Oliveira (Graduando em Filosofia - UFG)
2. *A Filosofia da Memória de Sue Campbell*, José Carlos Camillo Castro Neto (Doutorando em Filosofia - UFG)
3. *A autoridade dos atos de fala pictóricos da pornografia em sua dimensão subordinativa*, Joyce Hellen Santos de Moraes (Mestranda em Filosofia - UFG)
4. *A pessoa em Edith Stein e os cuidados paliativos*, Adriani Cordeiro Cáceres (Graduanda em Filosofia - UFG)



14-16h – Conferência 5

Profa. Dra. Rachel Imanishi (UnB) – *Vida e morte no DF – o encontro inusitado de Adirley Queirós e Berkeley nas quebradas da Ceilândia*

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

16h15-18h15

Lançamento de livros: Profas. Dras. Taisa Palhares (UNICAMP) e Tessa Lacerda (USP) e Prof. Dr. Cristiano Rezende (UFG)

Apresentação da nova edição da revista *Inquietude* e do site do Laboratório Kalós

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2

19h-21h – Mesa-redonda de encerramento

Profas. Dras. Tessa Lacerda (USP), Taisa Palhares (USP), Rachel Imanishi (UnB) e Veronica Ferreira Bahr Calazans (UFTPR) – *A revisão do cânone filosófico*

Local: Miniauditório Marielle Franco, H2



CONFERÊNCIAS E MINICURSOS





CONFERÊNCIAS

O ensino de filosofia na formação técnica e tecnológica: uma proposta simondoniana, **Profa. Dra. Veronica Ferreira Bahr Calazans (UTFPR)**


O interesse filosófico pela tecnologia é múltiplo e diverso. As abordagens em Filosofia da Tecnologia oferecem percursos distintos para tratar esse fenômeno complexo que faz parte da estrutura material (e virtual) do modo de vida contemporâneo. A questão de definir um percurso, entre tantos possíveis, que colabore para a formação dos futuros engenheiros, bem como outros profissionais da tecnologia, reproduz a complexidade da Filosofia da Tecnologia, entendida em sentido amplo. O que pretendemos, então, restringe-se a apresentar uma proposta didático-pedagógica de ensino de Filosofia da Tecnologia nos cursos de Engenharia e correlatos, acompanhada da discussão teórico-filosófica que a fundamenta. Essa discussão é resultado da prática de ensino de filosofia na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), nos últimos 10 anos.

Virtudes e potências da alma em Tomás de Aquino, **Prof. Dr. Napoleão Azevedo (UNILA)**

Santo Tomás realiza um estudo acerca das diversas potências que caracterizam a natureza humana. O autor analisa as relações entre o intelecto e a vontade, além dos modos pelos quais as paixões podem influenciar o aspecto intelectual. A partir disso, importantes consequências para a Ética podem ser traçadas. Aqui, apresentaremos algumas delas.

Informação, desinformação e alucinação artificial, **Prof. Dr. Bernardo Alonso (UFMT)**


Neste trabalho, apresento a noção de “Informação Semântica”, estabelecida por Floridi, minimamente adequada para comportar uma outra noção, cara à Filosofia da Informação (e em certa medida também à Fi-



losofia da Linguagem), a saber, uma noção de “Desinformação” que seja suficientemente robusta, que possa dissipar a confusão de traduções automatizadas que não respeitam sutilezas conceituais importantes entre os termos “disinformation”, “misinformation” e “malinformation” quando traduzidos para a língua portuguesa. Isto feito, tento identificar algumas das causas da fé quase inabalável sobre a ideia, por vezes vaga e ambígua, de “Inteligência Artificial” utilizada ordinariamente. Em seguida, apresento um esboço do que chamo de “alucinação artificial” e “ilusão artificial”, que tangencialmente se relacionam com a noção técnica de “AI hallucination”. Deep Fakes de campanhas eleitorais, campanhas de desinformação, brincadeiras com syncs musicais de bandas tais como IDLES, e alguns exemplos cinematográficos são utilizados para ilustrar tais distinções. Por fim, sugiro que talvez algumas passagens de Wittgenstein podem vir ao auxílio e garantir uma espécie de reengenharia conceitual sobre o que nos referimos ao falar sobre “inteligência”.

*Alberto da Veiga Guignard: modernismo, nacionalismo e tradição na arte brasileira, **Profa. Dra. Taisa Palhares (UNICAMP)***

Alberto da Veiga Guignard (1896-1962) é reconhecido como um dos mais importantes artistas modernos em atuação no Brasil na primeira metade do século 20. Sua produção se destaca principalmente pelas paisagens montanhosas de tom lírico que aludem às festas juninas e que, no geral, foram interpretadas pela crítica de arte como índice de uma visão pura e ingênua sobre o país. Nossa palestra pretende investigar a origem da produção artística de Guignard, desde sua formação europeia até o diálogo que estabelece com o meio artístico brasileiro a partir do final dos anos 1920, a fim de ampliar a compreensão da experiência moderna plasmada por sua obra, numa leitura que propõe ir além do sentido nacionalista que marca a corrente hegemônica do modernismo brasileiro.



Vida e morte no DF – o encontro inusitado de Adirley Queirós e Berkeley nas quebradas da Ceilândia, **Profa. Dra. Rachel Imanishi (UnB)**

Há uma batalha sendo travada no Distrito Federal (DF). Nossas retinas, fatigadas e insones, creem reencontrá-la no noticiário, e o desejo de nela tomar partido (mesmo e, sobretudo, sem ele(s)) está hoje no centro da nossa “vida política”. Em *Mato seco em chamas*, de Adirley Queirós e Joana Pimenta (Portugal/Brasil, 2023, 153’), é Léa quem nos conta um de seus capítulos, “a história das Gasolineiras de Kebradas, tal como ecoa pelas paredes da Colmeia, a Prisão Feminina de Brasília”. Ontem, amanhã, hoje – desde onde ouvimos mesmo essa narrativa? O que nos permite vê-la? Uma das apostas inusitadas desta conferência é que o empirismo peculiar de George Berkeley, ontem idealista “extravagante” e “delirante” (Kant), hoje também conhecido como proprietário de escravos e de uma *plantation* em terras americanas, pode nos ajudar a responder a essas perguntas.



MINICURSOS

Antropofagia, Filosofia Ameríndia e Ensino de Filosofia, Prof. Dr. Filipe Ceppas (UFRJ)

O minicurso terá cinco momentos: (1) uma exposição sobre lugares e sentidos de uma filosofia ameríndia no ensino de filosofia, na educação básica, envolvendo algumas questões preliminares – quem se propõe a falar, suas motivações, suas “tonalidades”; (2) sobre a necessidade de se falar sempre no plural – antropofagias, filosofias ameríndias e perspectivas de ensino de filosofias nas escolas; (3) sobre a (im)possibilidade/necessidade de dissociar a filosofia ameríndia do tema da antropofagia; (4) a filosofia antropofágica de Oswald de Andrade; (5) a especificidade “da” filosofia ameríndia – curto-circuito entre filosofia e antropologia.

Leibniz: o mais moderno dos modernos?, Profa. Dra. Tessa Moura Lacerda (USP)

Trata-se de questionar a História canônica da Filosofia a partir da investigação da Filosofia de G.W. Leibniz (1646-1716). Leibniz é considerado um autor canônico da Filosofia Seiscentista. Mas qual sua posição no cânone filosófico? Na narrativa dominante sobre a História da Filosofia Moderna, Leibniz figura como um filósofo cartesiano que aprofunda questões propostas por Descartes e resolve dilemas deixados pela filosofia cartesiana, sendo peça fundamental na produção da Filosofia Kantiana, que sintetizaria a proposta filosófica moderna. Neste minicurso, pretendemos ver como Leibniz pode ser interpretado de outra maneira: o filósofo de Hannover, como ficou conhecido, propõe uma outra modernidade possível. Ora, é justamente essa outra modernidade possível – outra em relação ao cartesianismo – que chamou a atenção de filósofas e filósofos contemporâneas(os) como Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Denise Ferreira da Silva, entre outras(os).



COMUNICAÇÕES





"A Densa Ausência de Mundo": O Nada em Mallarmé e Blanchot

Erick Sousa Charu

Graduando em Filosofia – UFG

E-mail: erickcharu@discente.ufg.br

Resumo: Em uma carta de 1866 endereçada ao poeta Cazalis, Mallarmé diz ter feito uma descoberta que gerou nele um enorme desespero, a descoberta do “nada”. Na atividade poética de “escavar o verso” é que o poeta se defronta com esse abismo. O desfibramento da linguagem se mostrou enquanto um aparecimento do vazio, axioma este que, depois de revelado a Mallarmé, teve ecos irreversíveis em seu ofício poético. Desde então, o vazio se tornou epítome de seu projeto filosófico, que ao fim e ao cabo engendraria uma revolução sem precedentes em toda literatura posterior, ao tratar o silêncio dos espaços vazios como constituintes da própria linguagem poética. Blanchot, leitor e comentador de Mallarmé, foi influenciado por essa revolução literária. A partir disso, concebeu uma construção poética que se edificaria na pilastra da ausência: o silêncio. Seja como morte e suicídio do autor, busca por uma literatura impessoal, seja como desaparecimento da realidade das coisas, a partir de uma linguagem essencial e uma escrita fragmentária, nas quais as palavras testemunham somente a ausência daquilo que elas designam. Assim, se instaura uma península própria da escrita, o espaço literário, onde a única aparição é a do desaparecimento e a única presença é a do vazio. Portanto, tal comunicação tem o intuito de fazer essa ligação conceitual e teórica entre Mallarmé e Blanchot, no que tange aos conceitos de nada, silêncio e morte, mostrando as influências que a poética de Mallarmé teve sobre a filosofia de Blanchot e seus conceitos de morte do autor e de desaparecimento da literatura.

Palavras-chave: nada; Mallarmé; Blanchot.



A BANALIZAÇÃO DO MAL COMO DECORRÊNCIA DA AUSÊNCIA DO PENSAR


Bruna Silva Guerra

Mestranda em Filosofia – UFG

E-mail: bguerra@discente.ufg.br

Resumo: Em *Eichmann em Jerusalém* (1999), Hannah Arendt analisa o julgamento de Adolf Eichmann formulando o conceito de “banalidade do mal”. O oficial nazista alemão era encarregado de todos os trâmites burocráticos ligados ao aprisionamento e ao transporte de judeus para os campos de concentração. Ao ser levado a julgamento, ele alegou que “com o assassinato dos judeus não teve nada a ver”. Assegurou nunca ter matado um judeu e nenhum outro ser humano e também nunca ter dado uma ordem para matar. Eichmann se defendeu alegando que só cuidava do transporte dos prisioneiros e da estrutura administrativa referente a essa tarefa e que não teve participação na execução dos presos nos campos de extermínio. A partir disso, Arendt se indaga como uma pessoa comum era capaz de tamanha monstruosidade, ao buscar se isentar de qualquer responsabilidade moral, recusando-se a pensar sobre seus atos. Durante o julgamento de Eichmann, ela percebeu que a atitude do nazista era de alguém superficial, incapaz de refletir sobre o ponto de vista de outra pessoa e de perceber a desproporção entre matar milhões e se promover. Nesse sentido, Arendt argumenta que esse tipo de pessoa seria incapaz de pensar e julgar para além do contexto operacional de uma tarefa, podendo provocar as piores barbáries. Assim, o cidadão que obedece cegamente ao que lhe é ordenado é incapaz de pensar por si mesmo, tendo sua subjetividade e espontaneidade abolidas, o que faz ruir as categorias de pensamento e os critérios de julgamento. Portanto, diante dessa constatação da ausência de pensamento, Arendt formula a expressão “banalidade do mal”.

Palavras-chave: Hannah Arendt; banalidade do mal; pensar.



A ANTERIORIDADE DA EFETIVIDADE EM RELAÇÃO À CAPACIDADE EM *METAFÍSICA* Θ: PELO TEMPO, PELA CAUSA E PELA SUBSTÂNCIA. POSSUEM SENTIDOS LÓGICOS OU ONTOLÓGICOS?

Arlindo M. F. Netto

Graduando em Filosofia e bacharel em História - UFG

E-mail: arlindonetto@discente.ufg.br

Resumo: Para a tradição filosófica atual, é na *Metafísica* Z e H que Aristóteles faz um conjunto de formulações centrais sobre os dois sentidos de *ousia*: o de substância e o de essência. Os argumentos desenvolvidos nesses livros são centrais para a compreensão desse conceito. Não raramente, o Livro Theta (Θ) também é visto como parte desse núcleo central da *Metafísica*, no entanto, é colocado numa posição adjunta em relação a esses livros. Este projeto de pesquisa ainda está em fase inicial, mas pretende se dedicar a analisar os três modos de anterioridade da efetividade em relação à capacidade: *pelo tempo*, *pela causa* e *pela substância*. Essas formulações encontram-se em Θ8. Efetivamente, o que se pretende é investigar e discernir, a partir da análise das bibliografias e comentários pertinentes, as condições e os traços pelos quais a efetividade é anterior à capacidade. Também faz parte dos objetivos identificar se essa anterioridade tem características lógicas ou ontológicas. De modo geral, o objetivo pretendido por Aristóteles no capítulo oitavo do Livro Θ da *Metafísica* (tradução de Lucas Angioni, 2004) consiste em diferenciar por meio de aplicações e exemplos os modos pelos quais a anterioridade da *efetividade* em relação à *capacidade* se torna clara e compreender que a substância, sendo o princípio unificador do domínio de todas as coisas, é o coração da filosofia primeira ou metafísica.

Palavras-chave: Aristóteles; metafísica; anterioridade.



A AUTORIDADE DOS ATOS DE FALA PICTÓRICOS DA PORNOGRAFIA EM SUA DIMENSÃO SUBORDINATIVA

Joyce Hellen Santos de Moraes

Mestranda em Filosofia – UFG

E-mail: h_joyce@discente.ufg.br

Resumo: As imagens pornográficas exploram a violência contra a mulher de maneira tal que sua subordinação ao homem é vista como o objeto de desejo que motiva o prazer sexual. Ainda que pertençam ao domínio da fantasia, tais imagens parecem estar materializadas no cotidiano, pois expressam a desigualdade das posições sociais entre homens e mulheres. Desse modo, a relação entre a pornografia e a realidade cognoscível fomenta questionamentos acerca da possibilidade ou não de que a pornografia tenha a autoridade necessária para realizar o ato de subordinação. Nesse sentido, Rae Langton, tendo como ponto de partida a teoria dos atos de fala de John Austin, defende em seu livro *Solipsismo sexual* (2009) que a narrativa pornográfica constrói representações que ultrapassam os limites da ficção. Isto significa que, ao retratar as mulheres em condição de subordinação sexual, a pornografia acaba por produzir real subordinação através da força ilocucionária. Em contrapartida, Judith Butler, em *Discurso excitável* (2021), entende o modelo ilocucionário defendido por Langton como um performativo divino capaz de constituir o que o destinatário é no momento da pronúncia e de forma unilateral. Para a filósofa, mesmo que os pornógrafos pertençam ao grupo dos poderosos, eles não detêm um poder soberano, portanto, a força do que dizem pode ser rompida. À vista disso, a investigação acerca da caracterização da autoridade da pornografia abordada na disputa teórica entre as autoras é significativa para o entendimento da atuação desses enquadramentos visuais no campo social com relação à subordinação das mulheres.

Palavras-chave: pornografia; autoridade; subordinação.



A CONCEPÇÃO DA ALMA EM EDITH STEIN

Rian Ferreira dos Santos Rocha

Graduando em Filosofia - UFG

E-mail: rianrocha@discente.ufg.br

Resumo: Sendo a alma humana uma das categorias filosóficas mais importantes dentro da própria história da filosofia, e também uma das que mais parecem ter desaparecido das discussões pós-modernas, ficando restrita às discussões teológicas, fez-se necessário, aos nossos olhos, explorar este objeto tal qual ele aparece dentro de uma das correntes filosóficas mais importantes do século XX, a Fenomenologia. Elegemos como grande expositora desse tema Edith Stein, que dedicou grande parte de sua vida ao estudo do ser pessoa humana, de modo que a antropologia foi, entre tantos outros assuntos, aquele que ocupou o centro de todo seu pensamento. Assim, nos concentraremos na obra *Estrutura da pessoa humana* a fim de buscarmos apreender o sentido do que seja a alma. A presente comunicação busca apresentar a compreensão de que o conceito de alma remete a uma concepção integral da pessoa, de modo que a dualidade corpo-alma, ou a tripartição corpo-alma-espírito, é vista por Stein como uma unidade em si, de forma que as partes que diferem da alma humana, o corpo e o espírito, são substâncias necessárias à constituição da própria alma humana. Dessa maneira, alma é força do corpo e medianeira do espírito com o mundo. Essas elaborações de Stein nos convidam a um olhar integral da realidade que constitui o ser pessoa humana.

Palavras-chave: Edith Stein; alma; pessoa humana.



A FILOSOFIA DA MEMÓRIA DE SUE CAMPBELL

José Carlos Camillo Castro Neto

Doutorando em Filosofia – UFG

E-mail: josecarloscamillo@gmail.com

Resumo: Sue Campbell foi uma filósofa feminista canadense cuja pesquisa se concentrou na filosofia da mente. O objetivo deste trabalho é apresentar a filosofia da memória dessa filósofa, conforme vista em *Relational remembering* (2003) e *Our faithfulness to the past* (2012). Para isso, o trabalho começa discutindo o contexto social e científico no qual o pensamento dela se insere. Em especial, durante o século XX, houve uma mudança de perspectiva acerca da memória, deixando de ser entendida como um armazém e passando a ser compreendida como um processo de reconstrução do passado. Esse processo de reconstrução que forma a memória está sujeito a falhas e suscetível a influências externas. Diante dessas descobertas, cientistas e advogados começaram a argumentar que mulheres que denunciavam seus familiares por abuso no passado o fizeram sob influência de terapeutas que distorciam o passado delas. Esse argumento misógeno disparou o que ficou conhecido como guerras da memória. O trabalho de Campbell é entendido à luz desse contexto. Ela questiona alguns vieses que estão implícitos nas guerras da memória, a saber, os vieses de gênero e de falha da memória. A partir disso, ela discorre sobre como a memória, entendida como um processo reconstrutivo, é relacional. Isto é, a memória é construída socialmente e não individualmente, o que tem consequências fortes para as guerras da memória. Isso, na visão dela, não impede a memória de ser bem-sucedida. Antes, influenciada por pesquisas recentes sobre a memória, Campbell defende que o sucesso da memória requer uma fidelidade ao passado e uma adequação ao presente. Porém, devido à sua essência relacional, a fidelidade ao passado e a adequação ao presente têm critérios sociais e, consequentemente, políticos.

Palavras-chave: memória; feminismo; Sue Campbell.



A FILOSOFIA EM BERGSON E BACHELARD

Henio Pereira Rezende

Graduando em Filosofia - UFG

E-mail: henio rezende15@gmail.com

Resumo: A filosofia de Henri Bergson, segundo Gouhier, tem como significação o fim da era cartesiana, por ser um pensamento que não tomou como modelo para sua reflexão a matemática, mas as emergentes ciências da vida. Sua filosofia apontou a falta de precisão na tradição filosófica. Bergson buscou, assumindo a intuição como método, tornar a filosofia uma disciplina tão prolongável e transmissível quanto a ciência em seu domínio. Filosofia e ciência são, para Bergson, complementares. Em *A intuição filosófica*, Bergson descreve que a ciência conhece o real a partir de sua exterioridade, da matéria, enquanto a filosofia o conhece a partir da interioridade, do espírito. Esta acompanha o movimento contínuo do objeto, seu tempo, sua duração, conhecendo o que há de único; aquela faz recortes desse movimento, para recompô-lo e assim dar pontos de apoio para a ação humana no mundo. Em *A dialética da duração*, Gaston Bachelard se propõe a desenvolver um “ensaio de bergsonismo descontínuo”, rejeitando aquilo que na filosofia de Henri Bergson parece ser o essencial: a continuidade metafísica. Ademais, Bachelard também diz ser necessário, sob a justificativa da exatidão, aritmetizar a duração. Tentaremos mostrar que essa afirmação coloca em jogo a relação complementar que Bergson estabelece entre ciência e filosofia, bem como o lugar da matemática nesse cenário. Ao se contrapor desse modo a Bergson, Bachelard parece apontar para o papel decisivo da matemática no conhecimento científico contemporâneo, de modo a elucidar a limitação da noção de ciência e filosofia.

Palavras-chave: precisão; exatidão; duração.



A FUSÃO ANALÍTICA ENTRE LIBERDADE E IGUALDADE NA TEORIA DA JUSTIÇA DE JOHN RAWLS

Sergio Murilo Fernandes Munhoz Fontana

Mestrando em Filosofia – UFG

E-mail: sergiomunhozfontana@gmail.com

Resumo: A proposta do texto é analisar a influência de Immanuel Kant no pensamento de John Rawls, destacando a ênfase na autonomia, na dignidade e na imparcialidade na formulação de princípios de justiça. Argumenta-se que a fusão analítica entre liberdade e igualdade é essencial para a compreensão da teoria da justiça de Rawls. Sob o véu de ignorância, as partes são livres e iguais analiticamente, sem depender de experiências específicas. Isso significa que a igualdade é condição para a plena liberdade civil e que a liberdade pressupõe a igualdade. Também argumenta-se que a fusão analítica entre liberdade e igualdade é essencial para a dignidade humana. Quando as pessoas têm as mesmas oportunidades para desenvolver seu potencial, elas são livres para escolher o que querem fazer com suas vidas e para alcançar seus objetivos. Isso lhes dá um sentimento de valor e autoestima, que são essenciais para a dignidade.

Palavras-chave: John Rawls; Kant; justiça.



A PESSOA EM EDITH STEIN E OS CUIDADOS PALIATIVOS

Adriani Cordeiro Cáceres

Graduanda em Filosofia - UFG

E-mail: adriani_caceres@discente.ufg.br

Resumo: O presente trabalho visa explorar a estrutura da pessoa humana proposta pela filósofa Edith Stein, com o objetivo de refletir a respeito de como os cuidados paliativos atuam diante da vida confrontada com o fim. Essa visão da pessoa é derivada da fenomenologia e do pensamento filosófico cristão e concebe a pessoa estruturada basicamente em: corpo vivente, alma e espírito. Segundo a autora, a pessoa humana tem uma profundidade que se mostra aberta aos valores, dentre os quais o amor é o mais importante. Desse modo, é possível à pessoa descobrir a própria interioridade e a sua unicidade, o que Edith Stein chama de “nota própria”. Além disso, a autora destaca o valor da comunidade na vida da pessoa humana, o valor de conhecer e ser conhecido. Esses valores são importantes para a dimensão dos cuidados paliativos, e tal abordagem alcança todas as dimensões da pessoa humana, especialmente ao confrontar-se com o conceito fundamental que é o de “dor total”. Esse conceito mostra que a dor não é apenas física, mas também psicológica, social e espiritual. Então, o tratamento para essa dor deve vir de uma equipe cujos membros cuidam de todos esses aspectos da vida. Tal abordagem permite à pessoa, perante a iminência da morte, viver o tempo que lhe resta da maneira mais digna possível.

Palavras-chave: pessoa; cuidados paliativos; Edith Stein.



ARISTÓTELES E A RESPONSABILIDADE MORAL: COMPATIBILISTA OU INCOMPATIBILISTA?

Matheus Bezerra Parente

Graduando em Filosofia – UFG

E-mail: matheusparente2000@gmail.com

Resumo: O debate compatibilismo x incompatibilismo é sobre qual é a relação entre determinismo e livre-arbítrio. Em síntese, assumir a posição compatibilista significa admitir que a relação em que determinismo e livre-arbítrio se encontram é de compatibilidade. Já a via incompatibilista admite a existência somente do livre-arbítrio ou do determinismo, uma vez que a relação em que determinismo e livre-arbítrio se encontram é de incompatibilidade. De acordo com Muñoz, em seu livro *Liberdade e causalidade: ação, responsabilidade e metafísica em Aristóteles*, Aristóteles reconhece a existência de um princípio cuja filosofia moderna denominou como princípio de razão suficiente (Muñoz, 2002, p. 23). Ou seja, Aristóteles reconhece que, para qualquer entidade que exista, há uma razão suficiente que explica o porquê da existência dessa entidade. Ao aceitar o princípio de razão suficiente, conseqüentemente, se aceitará o princípio de causalidade, pois, para Aristóteles, toda causa é a razão suficiente de um evento. Em suma, assumir o princípio de causalidade significa aceitar que todo evento que existe tem uma causa, inclusive ações. Em *EN III*, Aristóteles fundamenta o conceito de responsabilidade moral, de modo que seja possível culpar ou elogiar um agente pelas suas próprias ações. A princípio, é intuitivo que a responsabilidade moral dependa da possibilidade de agir diferentemente (livre-arbítrio), entretanto, isto parece ser incompatível com o princípio de razão suficiente. Diante desse cenário, as questões que este artigo se propõe a investigar é: (i) de que modo está posto o conceito de responsabilidade moral e a noção de causa na filosofia aristotélica, (ii) e, também, se é possível definir Aristóteles como um protocompatibilista ou como um protoincompatibilista, uma vez que esse debate é posterior ao tempo de Aristóteles.

Palavras-chave: responsabilidade moral; causa; ação.



A POLÍTICA E OS DIREITOS HUMANOS


Ricardo Souza de Alecrim

Graduado em Filosofia – UFG

E-mail: ricardoricardo@discente.ufg.br

Resumo: Os estudos de Direitos Humanos e as políticas em relação aos cidadãos mostram que a sociedade não poderia ser homogênea, mas as condições sociais não teriam muita importância, reconhecimento, quando aberto o espaço para o conflito. De outra forma, se é observado que, nos regimes políticos como o autoritarismo e o totalitarismo, esses modelos de representação, política e poder não teriam tanto sentido para uma realidade de cidadãos, que podem, inclusive, se mostrarem neutros num ambiente político. Assim, regimes autoritários e/ou o totalitarismo não teriam muito sentido em uma sociedade que vive sobre aquilo que tenha um interesse sobre si mesma, mas de toda forma o bureau político e os partidos dependem da mobilização das massas, sobre aquilo em que é necessária uma ação coletiva, com são as possíveis revoluções na sociedade. Entretanto, para o sentido de revolução, são evidenciados caminhos indefinidos, intransponíveis, cujas possibilidades são, dessa forma, excluídas, ressaltando novas mudanças e um novo homem, podendo não conseguir alcançar determinadas metas e/ou objetivos. Dessa forma, são observadas divergências a respeito do que é o totalitarismo e o autoritarismo, sendo a democracia a política de Estado que deverá manter uma mediação entre os indivíduos e a sociedade. A partir desses princípios de democracia e da coletividade dos cidadãos, surgem toda ação, metas e métodos como técnica política e ou boas formulações políticas, em meio a toda condição de produção, por uma sociedade que se mostra liberal, no sentido de não estar sujeita apenas às finalidades das políticas ou governos dominantes, mas sobre o que possa ser um interesse sobre si mesma. Dessa forma, um pensamento no sentido da técnica e/ou metodologia política em relação ao totalitarismo mostraria um fantasma, pois uma revolução moral e a destruição de tendências evidenciarium uma integração do homem com as coisas, quando, na verdade, há uma tensão entre a ética e a ação democrática.

Palavras-chave: democracia; indivíduos; direitos.



A REFERÊNCIA *DE RE* DAS INTUIÇÕES SENSÍVEIS E A REFERÊNCIA *DE DICTO* DOS CONCEITOS DO ENTENDIMENTO: UMA INTERPRETAÇÃO ANTI-INTELLECTUALISTA RELACIONALISTA DE KANT

Bergkamp Pereira Magalhães

Doutorando em Filosofia – UFRJ

E-mail: bergkamp-logos@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é defender que o modelo de experiência de Kant é anti-intelectualista relacionalista, sendo incompatível com a interpretação intelectualista conceitualista e com a interpretação anti-intelectualista representacionalista. Para isto, é mostrado que a interpretação intelectualista conceitualista se equivoca ao defender que toda intuição é estruturada por conceitos, não sendo possível existir conteúdo não conceitual. Também é exposto que a interpretação anti-intelectualista representacionalista acerta ao afirmar anti-intelectualmente que as intuições não são estruturadas por conceitos, mas erra ao defender a possibilidade de conteúdo não conceitual passível de falsidade ou veracidade. O trabalho se concentra em dois trechos da obra de Kant: o primeiro está na Dedução Transcendental, em que é afirmado que “os objetos podem certamente aparecer para nós sem que tenham de referir-se necessariamente a funções do entendimento” (KrV A89 / B122), e o segundo trecho diz que “os sentidos nunca erram, mas não porque julgam sempre corretamente, e sim porque nunca julgam” (KrV A294 / B350). A primeira passagem é o atual foco de discussão entre intelectualistas conceitualistas e anti-intelectualistas não conceitualistas, visto que aqueles dizem que Kant pretende refutar a própria afirmação enquanto estes defendem que se trata da passagem mais clara acerca do posicionamento de Kant sobre a relação entre intuições e conceitos. Já o segundo trecho é uma forte evidência para anti-intelectualistas relacionalistas de que Kant defende que as intuições não são estruturadas por conceitos e que o que elas fornecem não é passível de falsidade ou veracidade, opondo-se à visão anti-intelectualista representacionalista. Por tudo isto, o trabalho visa defender, apoiado nos argumentos de Lucy Allais e Roberto Pereira, que a intuição sensível consciente é um modo de doação de objetos que se referem *de re* ao que aparece no espaço, enquanto os conceitos se referem *de dicto* ao que aparece no espaço.

Palavras-chave: Kant; anti-intelectualismo; não conceitualismo.



A REPETIÇÃO RITUAL COMO FORÇA POLÍTICO-PEDAGÓGICA

Rafael Lopes Batista

Mestre em Educação - UEMS

E-mail: rafael.lopesbatista@hotmail.com

Resumo: Para Christoph Türcke (2010; 2016), a espécie humana desenvolveu-se cultural e cognitivamente praticando rituais sagrados. Improvável que sem eles o homem primitivo pudesse ter neutralizado os choques traumáticos da natureza. Rituais são, fundamentalmente, práticas de repetição (Türcke, 2016; Han, 2021) e constituem-se como comportamentos humanos triádicos (Türcke, 2016, p. 67), pois, para além de envolverem um “eu” e um “outro”, destinam-se a um terceiro, no qual a atenção é fixada coletivamente. Neles, a totalidade do organismo se detém, de forma devotada, a algo que lhe dá sentido existencial e senso de pertencimento. Não existe repetição ritual feita isoladamente. Contemporaneamente, subjetivamente falando, os rituais serviriam como escudo contra a deterioração gradativa da atenção (Türcke, 2016), que é disputada ferozmente pelos choques imagéticos/midiáticos. O neoliberalismo causa desintegração, gera “comunicação sem comunidade”, enquanto os ritos geram “comunidade sem comunicação” (Han, 2021, p. 9). Na perspectiva sociopolítica, os rituais constituem-se como elemento de luta contra a atomização dos sujeitos. Portanto, entende-se que as práticas rituais, secularizadas ou não, fortalecem os laços socioafetivos e geram senso de pertencimento na comunidade. Posto isso, Batista (2024) argumenta que a escola ainda é capaz de resistir à cultura do déficit de atenção a partir da adoção da ritualização como uma espécie de princípio pedagógico, sendo essa uma forma de colocar a educação na contramão da tendência de desintegração da vida social. Tendo em vista as condições objetivas da atual época histórica, seria errôneo considerar a escola a única força social capaz de frear o desmantelamento da vida comunitária, porém, não parece razoável aceitar que ela tenha de se resignar acriticamente ao modelo sociocultural e econômico hegemônico. Considerando esse último argumento, a nossa hipótese central é de que a educação seria um espaço político de negação ou transformação de alguns condicionantes da sociedade neoliberal.

Palavras-chave: rituais; educação; Christoph Türcke.



A TEORIA NATURALISTA DOS NOMES NO *CRÁTILLO* DE PLATÃO

Eduardo Freitas Nascimento

Mestrando em Filosofia – UFG

E-mail: eduardofreitas@discente.ufg.br

Resumo: Esta apresentação busca realizar um exame mais atento e profundo da obra *Crátilo*, de Platão. Propomos que a obra se organiza segundo um padrão dialético, no qual o filósofo se esforça para refutar duas posições filosóficas inadequadas: a de Eutidemo e a de Protágoras. Platão reconhece que o problema dessas teorias se dá sobretudo nos seus fundamentos ontológicos: os dois pensadores articulam um mundo em que não existe nenhum critério lógico-ontológico que governe o uso da linguagem. Platão também expõe as consequências indesejáveis de teses dessa natureza, sobretudo no campo ético e epistemológico. Nossa tese principal é que Platão se esforça para oferecer, em contraste com essas duas teses excêntricas, um projeto filosófico mínimo que permita a categorização dos seres em diferentes categorias, em conformidade com propriedades objetivas e duráveis (εἶδος, “forma”) que os objetos realmente possuem. Assim, o filósofo espera fundamentar a possibilidade metodológica da linguagem, da dialética e da ética.

Palavras-chave: Platão; *Crátilo*; linguagem.



A TRANSFORMAÇÃO DO CONCEITO DE COISA EM SI NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Arthur Brito Neves

Doutorando em Filosofia - UFG

E-mail: arthur_brito@ufg.br

Resumo: Ao longo de sua obra, Nietzsche reflete significativamente sobre o estatuto do conceito de coisa em si. Entretanto, nessas reflexões, não se é possível estabelecer uma posição definitiva, ocorrendo, a rigor, uma série de experimentações conceituais, ora mais afeitas à filosofia crítica de Kant ou a argumentos de pensadores neokantianos, ora mais avessas e antagônicas à própria necessidade de se sustentar filosoficamente tal conceito. Assim, o objetivo da presente comunicação é apresentar uma taxonomia com quatro modos de aparição do conceito ao longo da produção filosófica de Nietzsche, taxonomia essa que será acompanhada por quatro hipóteses interpretativas, a saber: a) argumento estético-musical: a distinção fenômeno e coisa em si é fundamental para limitar o impulso pelo saber, bem como para reabilitar o aspecto metafísico da arte (GT); b) argumento metafórico-limitante: nosso conhecimento opera a partir de um procedimento metafórico, o que inviabiliza qualquer acesso às coisas em si, mesmo de um ponto de vista estético ou moral (WL); c) argumento onírico-lógico: a coisa em si não é uma conclusão lógica, mas fruto de um erro de raciocínio (MA); d) argumento teológico: a coisa em si é um conceito de origem religiosa (FW).

Palavras-chave: Nietzsche; Kant; coisa em si.



A VULNERABILIDADE DA EUDAIMONIA

Geovane Torres Rino

Mestrando em Filosofia – UFG

E-mail: geovane.rino@discente.ufg.br

Resumo: A eudaimonia, normalmente traduzida por felicidade, mas também por “uma boa vida”, é um conceito central para, se não a principal, uma das principais correntes éticas da filosofia grega, a ética eudaimônica, ou ainda ética das virtudes. Entre alguns dos principais expoentes dessa corrente que serão apresentados neste texto, incluem-se Platão, Aristóteles e os estoicos. Um consenso entre eles a respeito da eudaimonia é de que a virtude é essencial e necessária para atingi-la, porém há divergências se ela é suficiente. Essas divergências estão diretamente ligadas à estabilidade de se ter uma boa vida em oposição à fortuna, aos eventos do mundo, à sorte, ao acaso (*tuche*), que podem levar a conflito de valores e, conseqüentemente, a dilemas morais e forçar uma tomada de decisão que abala a vida de uma pessoa a ponto de destruir sua eudaimonia, tema principal das tragédias gregas. A vulnerabilidade da eudaimonia passa a ser um desafio central para a filosofia dos seus expoentes, pois como a função do homem, seu *telos*, pode ser algo tão dependente de coisas que ele não controla? Como garantir a boa vida se a possibilidade de alcançar a felicidade não está diretamente em nossas mãos? Seguindo a argumentação de Marta Nussbaum no livro *The fragility of goodness*, abordaremos tais questões.

Palavras-chave: filosofia antiga; eudaimonia; fortuna



APARATOS TECNOLÓGICOS, ENSINO E APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA EM CRISE

Matheus Reis Toledo

Graduando em Filosofia/Licenciatura – UFG

E-mail: matheusrtoledo.discente@ufg.br

Resumo: Este trabalho visa apresentar minha pesquisa em desenvolvimento nas disciplinas de Estágio Obrigatório do curso de Licenciatura em Filosofia da UFG. Atualmente, podemos abordar a escola como uma instituição que se encontra em crise, levando em consideração que nossa sociedade está cada vez mais globalizada, tecnológica e, principalmente, midiática, enquanto a escola mantém suas antigas engrenagens. Consequentemente, sua relação com a juventude da nossa época se torna cada vez mais distante e defasada e é preciso reconhecer que os moldes dessa instituição precisam ser reavaliados e atualizados. Levando, pois, em conta os tensionamentos entre escola e sociedade, faz-se necessário caracterizar esses novos aparatos tecnológicos, globalizados e midiáticos como aliados e, a partir daí, repensar os caminhos do ensino de filosofia na escola. Com base em minhas experiências na escola-campo do Estágio, pude perceber os modos pelos quais os jovens estão se relacionando com a tecnologia, assim como os benefícios desses aparatos como mediadores no ensino, considerando o grande acervo artístico e audiovisual disponível na internet e o fácil acesso a ele. Busco em minha pesquisa tratar da importância de tais aparatos tecnológicos no ensino de filosofia, como mediadores, a exemplo da discussão proposta por Joana Peixoto (2016), no texto “Tecnologias e relações pedagógicas: a questão da mediação”. Walter Benjamin, por sua vez, em seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, nos convida a explorar o potencial pedagógico do cinema quando discute a relação entre arte e tecnologia. À luz desses referenciais, proponho pensar a utilização dos aparatos tecnológicos como mediadores do ensino, interrogando de que maneira é possível recorrer a eles para enriquecer o ensino e o aprendizado da filosofia em nossas escolas.

Palavras-chave: aparatos tecnológicos; ensino; filosofia.



AS INTERPRETAÇÕES DE “SEPARAÇÃO CORPO-ALMA” NO *FÉDON*

Déborah Paula Vaz Pinto

Graduanda em Filosofia – UFG

E-mail: deborahpaula@discente.ufg.br

Resumo: O diálogo *Fédon* de Platão retrata as últimas horas de Sócrates em vida e em companhia de seus amigos, os quais estão pesarosos com a sua morte. Por causa disso, a discussão principal naquele dia (o dia da morte) se concentra no tema sobre a “imortalidade da alma”, sendo que cada argumento, apesar de não apresentar uma “prova”, em sentido estrito, da essência da alma, visa apresentar um ponto de apoio para convencer Simias e Cebes, discípulos de Sócrates, que a alma é imortal e não se dissipará. Esta pesquisa irá examinar o “argumento da afinidade”, no sentido de que irá ser analisada a sugestão de que a alma tem uma afinidade com itens inteligíveis e não perecíveis. Por conseguinte, para chegar nessa suposição, é importante entender o sentido das noções de “separação” e “morte”, na medida em que são relevantes para entendermos a proposta de Sócrates de que a filosofia é uma prática de morte em vida como “separação entre alma e corpo”. As noções acima mencionadas são objeto, contudo, de diferentes interpretações na literatura do *Fédon*. Examinarmos tais noções é relevante, entre outras coisas, porque além de o diálogo ter sido utilizado, por toda a história do pensamento ocidental, para todas as formas de dualismo psíquico-físico, o argumento apresenta os dois sentidos mais conhecidos sobre a separação alma e corpo, sendo um o sentido moral e o outro ontológico. Com leituras dos textos secundários e primários, discussões e aulas com o orientador da iniciação científica, este trabalho tem o propósito de examinar o sentido geral do argumento da afinidade. Na medida do possível, iremos também discutir alguns aspectos do sistema filosófico platônico, com o objetivo de investigar a importância tanto do argumento da afinidade para a tese central (que a alma é imortal), quanto para a interpretação do diálogo *Fédon* na tradição ocidental da separação alma-corpo.

Palavras-chave: alma; imortal; separação.



AS TIPIFICAÇÕES DA PSICOLOGIA NA OBRA DE NIETZSCHE

Júlio César Ferreira de Matos Freitas

Mestrando em Filosofia – UFG

E-mail: cesarjulio@discente.ufg.br

Resumo: Psicologia é um termo polissêmico dentro da obra de Nietzsche. Desde a obra do período intermediário, a partir de *Humano, demasiado humano*, em que aparecem os primeiros registros do termo, há um conjunto de variações temáticas em torno dele. A dificuldade inicial que surge ao eleger tal tema para análise e investigação é traçar qual é o campo de aplicação dessa psicologia e qual é seu estatuto na obra de Nietzsche. Isto é, suas tipificações, sua organização, seus “recursos epistemológicos”, as fontes e afastamentos ou aproximações em relação a concepções vigentes de psicologia e ciência no século XIX. O objetivo desta comunicação é traçar um quadro mais amplo acerca do estatuto da psicologia na obra nietzschiana. Para isso, é necessário percorrer os seus escritos, ou pelo menos aqueles em que há ocorrência direta do termo/tema. Justamente por conta da polissemia do termo “psicologia” na obra de Nietzsche, as distinções a respeito dos diversos sentidos precisam ser apresentadas. Em obras diversas, inclusive nos seus fragmentos póstumos, o filósofo alemão utiliza a palavra “psicologia” para se referir a uma tradição de pensamento que pretendia fazer uma psicologia (ciência), mas que estava profundamente ligada a pressupostos metafísicos e racionalistas. Na obra de Nietzsche, há diversas tipificações, tais como: psicologia rudimentar, psicologia tradicional, psicologia metafísica, psicologia idealista. Ao tipificar essas diversas psicologias, Nietzsche pretende fazer uma denúncia em relação à compreensão tradicional de psicologia. A partir disso, ele consegue distinguir a sua psicologia das demais.

Palavras-chave: Nietzsche; psicologia; moral.



AUTOCONHECIMENTO E INTERIORIDADE: A BUSCA FILOSÓFICA DE AGOSTINHO DE HIPONA


Ana Kelly Ferreira Souto Pinto

Doutoranda em Filosofia – UFG

E-mail: anakelly@pucgoias.edu.br

Resumo: Este estudo investiga o tema da interioridade em Agostinho de Hipona nas obras *Confissões* e *A verdadeira religião*. Nessas obras, o autor analisa a condição humana, que é inquieta e insatisfeita. Tais sentimentos decorrem do duplo afastamento e esquecimento de Deus e de nós mesmos. O caminho para a superação dessa condição passa pela reaproximação de si mesmo através do autoconhecimento e da redescoberta de Deus no mais íntimo do nosso ser. Esse movimento é uma introspecção e uma reflexão interna que se dão através da memória. Por meio dela, o ser humano começa a lembrar quem é Deus e a reconhecer sua própria identidade, num processo de autoconhecimento que promove o alcance da felicidade. A partir da interioridade, o ser humano se eleva espiritualmente, movendo-se do interior para o superior. Esse movimento é essencial para o autoconhecimento. Desconectado da verdade divina, o homem não apenas para de se formar, mas começa a se deformar. O pecado e o afastamento de Deus levam à desfiguração da imagem divina no ser humano. Em contraste, a conversão contínua e o retorno a Deus permitem que o ser humano se forme, assumindo a plenitude de sua identidade e essência conforme o modelo divino. Portanto, a jornada da interioridade e de retorno a Deus é essencial para a realização completa do ser humano. Santo Agostinho enfatiza a importância de voltar-se para dentro de si mesmo para encontrar Deus, que habita no interior da alma.

Palavras-chave: interioridade; autoconhecimento; felicidade.



CONSCIÊNCIA DE SI, CONHECIMENTO DE SI E IDENTIDADE: A TEORIA KANTIANA DA AUTOCONSCIÊNCIA EM PERSPECTIVA

Paola Dias Bauce

Mestranda em Filosofia – UFG

E-mail: paola.dias@discente.ufg.br

Resumo: A presente comunicação tem em vista explorar a consciência de si e o conhecimento de si no decorrer da seção intitulada “Dedução transcendental das categorias” (B129-169), presente na *Crítica da razão pura* (1781), de Immanuel Kant. Compreendendo que o autor não concebe ambos como equivalentes, apresentaremos o que caracteriza, em primeiro lugar, a consciência de si mesmo e, dada a importância da estruturação intelectual do sujeito para a filosofia teórica kantiana, quais os reflexos de tais considerações para o sujeito, a partir das limitações na realidade fenomênica, conhecer a si. Posta a diferença entre *pensar a si mesmo* e *conhecer a si mesmo* e, adiante, da enfática posição de Kant de que não podemos conhecer a nós mesmos como somos, senão como *aparecemos* enquanto fenômenos, debateremos, ao final da comunicação, o que o autor entende por identidade do sujeito consciente de si. Assim, a partir do terceiro paralogismo da razão pura – ou do paralogismo da personalidade – (A361-367), discutiremos como o sujeito assimila a consciência de sua própria identidade e, visto que não se pode conhecer como é em si, quais implicações Kant retira disto, a exemplo de uma consciência que transmite a outra o seu estado e assim sucessivamente, como a consciência de um sujeito pensante em cada novo estado de sua vivência, e que, apesar de haver a comunicação entre cada novo estado, poder-se-ia afirmar que a consciência não seria a mesma em todos eles (A363-364). Desta maneira, os filmes *Blade Runner* (1982) e *Ghost in the shell* (1985 e 2017) serão trazidos ao debate, pois abordam tanto a consciência de si de sujeitos (andróides) e a noção de identidade de personagens que, mesmo não sendo humanos, percebem-se como tais.

Palavras-chave: autoconsciência; conhecimento; identidade.



CONSCIÊNCIA MORAL E AMOR MUNDI: ELEMENTOS PARA PENSAR O ENSINO DE FILOSOFIA COM HANNAH ARENDT


Emmanuel de Paula Ferreira Rocha

Graduando em Filosofia/Licenciatura – UFG

E-mail: emmanuel_ferreira@discente.ufg.br

Resumo: Diante da importância de refletir sobre o ensino de filosofia no Ensino Médio, o presente trabalho busca oferecer sugestões advindas de uma pesquisa teórica e prática – que valoriza a concepção de práxis nos estágios da licenciatura (Lima; Pimenta, 2018) –, assumindo a importância de pensar o ensino de filosofia como uma experiência do pensamento, dada através do fazer filosófico caracterizado pela criação conceitual (Deleuze; Guattari, 1992). Assim sendo, identificamos a possibilidade de ir além, através de um ensino reflexivo que valorize um diálogo interno dos sujeitos, tendo a si mesmos enquanto companhia (Arendt, 2004; 2022), contribuindo com o reconhecimento da necessidade de assumir a responsabilidade por um mundo perecível, construído por mãos mortais (Arendt, 2005). Como estagiário no Ensino Médio no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae), da Universidade Federal de Goiás (UFG), pudemos desenvolver uma pesquisa vinculada às experiências práticas do ensino de filosofia tendo como fundamento teórico a obra de Hannah Arendt (2004; 2005; 2020; 2022), mais especificamente os conceitos arendtianos de consciência moral e *amor mundi* (amor ao mundo). Nosso objetivo foi verificar como esses conceitos podem ser mobilizados para refletir sobre alternativas de ensino-aprendizagem que estimulem a formação de sujeitos atentos à responsabilidade pela manutenção do mundo, por meio da ação e do discurso. Ao final, propomos que um ensino de filosofia que valorize experiências baseadas na realidade sociopolítica de cada sujeito, relacionando o exercício reflexivo de fabricação conceitual com o diálogo interno consigo mesmo, pode contribuir para o surgimento de uma consciência moral que reconheça a responsabilidade que os seres nascentes, sujeitos inéditos que proporcionam o advento do novo, têm diante do mundo, como apontado pela autora no ensaio “A crise na educação” (2005) – e que assumam isso de maneira responsável e crítica, por amor e desejo de persistência do mundo.

Palavras-chave: ensino de filosofia; consciência moral; *amor mundi*.



CONSTRUINDO PONTES FILOSÓFICAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: EXPLORANDO A NARRATIVA DE MATILDA ATRAVÉS DOS PENSAMENTOS DE PAULO FREIRE, MATTHEW LIPMAN E PLOTINO

Larissa Lacerda Caetano

Graduanda em Filosofia/Licenciatura – UFG

E-mail: larissalacerda@discente.ufg.br

Resumo: Na jornada filosófica entrelaçada pela narrativa de *Matilda* (1996) e as ideias de Paulo Freire, Matthew Lipman e Plotino, emerge um diálogo profundo sobre o poder transformador da educação. Matilda, ao descobrir sua voz e potencial através do conhecimento, reflete os princípios de Freire, que enfatiza a importância da identidade cultural e da autonomia dos alunos. No entanto, o comportamento negligente dos pais e a autoridade opressiva da diretora criam um ambiente adverso para o desenvolvimento educacional de Matilda, destacando a necessidade de incluir a afetividade na educação, como defendido por Lipman. A visão de educação não violenta de Freire encontra eco na abordagem de Lipman, que promove o diálogo como uma ferramenta para resolver conflitos e promover a compreensão mútua. Essas ideias oferecem estratégias para enfrentar a tirania da diretora e promover a autonomia dos alunos na escola. Além disso, as reflexões de Plotino sobre despertar a alma das crianças ressoam, incentivando os educadores a nutrir a curiosidade e a resiliência interior dos alunos, mesmo diante da adversidade. Integrar essas perspectivas na educação inclusiva significa criar um ambiente que respeite a diversidade de experiências e identidades dos alunos. Freire destaca a importância de reconhecer e celebrar a singularidade de cada aluno, enquanto Lipman promove o diálogo e a valorização das diferentes perspectivas. Por fim, as ideias de Plotino sobre despertar a alma das crianças enfatizam a importância de adotar uma abordagem holística para o ensino, promovendo o crescimento emocional, espiritual e social de cada aluno.

Palavras-chave: educação inclusiva; filosofia da educação; Plotino.



CONTRA A HISTÓRIA MUNDIAL: PERSPECTIVA SOBRE A PRÉ-HISTÓRIA DA MORALIDADE EM NIETZSCHE

Lucas Romanowski Barbosa

Doutorando em Filosofia – UFG

E-mail: lucas_romanowski@hotmail.com

Resumo: A crítica basilar que Nietzsche faz aos filósofos que trataram da procedência da moral repousa justamente na incapacidade deles de pensar historicamente. Em *Humano, demasiado humano* (1878) trata-se do defeito hereditário de todos os filósofos; na *Genealogia da moral* (1887) são os que pensam de maneira “essencialmente a-histórica”. Isso para ficar com dois exemplos. Pretendemos analisar qual é o recorte de Nietzsche para a consideração da história diante da procedência da moralidade. Uma pista importante se dá em *Aurora* (1881), em que o filósofo lança mão da expressão moralidade do costume [*sittlichkeit der sitte*], no aforismo 9, e já nas primeiras linhas revela que para a investigação acerca da moralidade o contraste histórico se dá na entre “milênios inteiros de humanidade” e “nós, homens de hoje”. Estabelecendo uma proximidade de tal relação com a *Genealogia*, percebemos que esses milênios inteiros são também a “pré-história da humanidade”. Com isso, identificamos uma tomada de posição contra a história mundial [*Weltgeschichte*], também destacada no §18 de *Aurora*. Qual é, portanto, o critério para uma consideração da história sobre a moralidade que rivaliza com a história mundial? Por que é preciso pensar diferente daqueles que pensaram a história mundial? A história mundial pretende tratar de toda a história; no entanto, segundo Nietzsche, ela apenas dá conta de um recorte arbitrário sobre a própria história. Há uma pré-história enorme e que, para Nietzsche, foi responsável pela formação do caráter moral do ser humano antes da chamada história mundial. Não considerá-la é partir de um pré-conceito para tratar da procedência da moralidade.

Palavras-chave: história mundial; moralidade; procedência.



DESAFIOS DA APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA ANTIGA NO ENSINO SUPERIOR

Thiago Silva Medeiros

Graduando em Filosofia – UFG

E-mail: silva.thiago@discente.ufg.br

Resumo: Sabe-se que o desmonte educacional das universidades federais ocorrido nos últimos anos ainda está reverberando no desenvolvimento dos alunos que vivenciaram/vivenciam o ambiente acadêmico, seja como tutores – falo aqui especialmente dos colegas licenciandos –, seja como alunos em sala de aula, no sentido de apreensão de conteúdo, inteligência emocional e gestão de tempo, principalmente. O fato é: nos foge ao horizonte a “pedra de toque” para sabermos com exatidão se o desempenho dos futuros novos professores de filosofia será satisfatório no que diz respeito à metodologia pedagógica escolhida para um plano de ensino ou, ainda, sobre nossos futuros pesquisadores, se estes terão bagagem teórico-cultural para de fato contribuir com a sociedade de modo efetivo, por exemplo. Para termos uma perspectiva da próxima década do ensino de filosofia, precisamos, assim, compreender alguns pontos: 1. Quais as dificuldades atuais do ensino superior de filosofia? 2. Qual a expectativa geral que os alunos têm ao ingressar no curso? 3. Qual a relevância para a sociedade da preocupação daqueles que já estão envolvidos com a filosofia no Brasil para com o incentivo da disseminação do conhecimento filosófico (através do próprio ingresso na faculdade ou de *workshops*, congressos etc.)? Através das minhas atividades desempenhadas como monitor no semestre 2024/1 (Edital Prograd nº. 11, de 26 de janeiro de 2024) e realizando um paralelo com o pensamento freirianiano, espero conseguir contribuir com uma questão tão recorrente no que diz respeito ao ensino de filosofia no Brasil e que pode se tornar algo pernicioso para a sociedade.

Palavras-chave: inclusão; pedagogia; estudos freirianos.



DILEMAS MORAIS E A ATIVIDADE JUDICIAL: A TRAGÉDIA DE DECIDIR

Eduardo Perez Oliveira

Doutorando em Filosofia – UFG

E-mail: edu.perez80@gmail.com

Resumo: O trabalho aborda a relação entre os dilemas morais e a função judicante. Parte da definição do que é o dilema moral passa por algumas teorias sobre o assunto, inclusive as que não admitem a sua existência, e conclui examinando a questão sob a ótica do magistrado. A maioria das pessoas, para não dizer todas, em algum momento da vida já se deparou com dilemas morais, embora talvez não os soubesse identificar. Há profissões que lidam com esses dilemas com maior frequência, como médicos, enfermeiros, policiais, gestores públicos e juizes. É possível sintetizar a ideia de dilema moral como a situação na qual o agente está diante de dois (ou mais) deveres morais, mas só pode cumprir um deles. Assim, a tragédia é que é requerido do agente que ele execute duas (ou mais) ações relativas aos dois (ou mais) deveres morais; ele tem condições de executar quaisquer das duas (ou mais) ações, mas não pode realizar ambas (ou todas) ações, apenas uma. O agente está destinado à derrota moral, porque, não importa a escolha que ele realize, fará algo moralmente errado ou falhará em cumprir um dever. A questão é saber se existe algum sistema que poderia orientar a forma de decidir dilemas morais sem gerar um resíduo de culpa e, existindo, se seriam mais positivos ou negativos.

Palavras-chave: dilemas morais; atividade judicial; culpa.



DO CONCEITUAL AO SIMBÓLICO: A QUESTÃO DA LINGUAGEM NA FILOSOFIA BACHELARDIANA

Mateus Henrique de Sousa

Mestrando em Filosofia – UFG

E-mail: mh.99sousa@discente.ufg.br

Resumo: A obra de Gaston Bachelard é dividida em duas grandes vertentes: a diurna e a noturna. A produção diurna do autor é relativa aos seus interesses filosófico-científicos, enquanto a produção noturna assinala sua desenvoltura estética e literária. Asseguradas suas diferenças pelo próprio filósofo – que faz questão de advertir seus leitores sobre suas discrepâncias –, refletir sobre a questão da linguagem em sua obra requer, desde já, identificá-la como objeto comum a esses dois momentos de sua filosofia. Entretanto, embora ela, a linguagem, se apresente como tema comum, desempenha um papel diferente em cada uma dessas vertentes. Em suas reflexões epistemológicas, é o conceito (científico) que está em jogo, enquanto a imagem (poética/literária) é a reflexão central de sua produção noturna (que se inicia após as obras de 1938, *La formation de l'esprit scientifique* e *La psychanalyse du feu*, e culmina nas de 1961, *La flamme d'une chandelle* e *La poétique de la rêverie*). Embora presente, mas de maneiras distintas, não é sob o signo da diferença que se pretende pensar a linguagem, mas como um eixo que perpassa toda a sua produção filosófica e que permite pensar sua filosofia “se fazendo”. Entende-se, portanto, que é possível estabelecer uma articulação entre esses dois momentos do pensamento de Bachelard, compreendendo a linguagem como questão central e a sua mudança como um vetor que vai do conceito científico à linguagem simbólica – própria à criação literária.

Palavras-chave: linguagem; Gaston Bachelard; literatura.



É MUITO MAIS BELO SER DIVINO: UMA LEITURA DO ÍON DE PLATÃO

Bruna Morais

Mestra em Filosofia – UFG

E-mail: bruanmrs@gmail.com

Resumo: O rapsodo Íon, ao cruzar caminho com Sócrates, elogia a si mesmo em sua habilidade de arranjar Homero da mais bela forma. Uma vez que não é concedida a Íon a oportunidade de demonstrar seu talento, desenrola-se, nesse diálogo, uma discussão em torno da pretensão de conhecimento identificada entre aqueles que se dedicam à poesia. Grande parte do texto é dedicada a contrapor as noções de arte e técnica a fim de delimitar em que consiste a atividade dos rapsodos e se ela é, como afirma Íon, uma técnica. Nesta apresentação, serão reunidas e analisadas as peculiaridades da figura do rapsodo na caracterização de arte oferecida por Platão. O aspecto mais notável é o fato de que Íon é, ao mesmo tempo, parte da audiência de Homero e alguém capaz de criar e performar a partir do poeta. O rapsodo, todavia, alega que, a partir de sua atividade, ele foi capaz de tornar-se também técnico a respeito de tudo aquilo encontrado na poesia de Homero. Não sobra, nesse caso, muita coisa da qual ele não entenderia, uma vez que o universo da *Ilíada* e da *Odisséia* é extenso. Quando vista mais de perto, a habilidade de Íon parece ainda assim extremamente direcionada, pois sua aptidão encerra-se em Homero. Não é de todo estranho ter fixação por um só, especialmente em arte. O problema de Íon talvez seja, ao enaltecer a poesia, dar a ela uma caracterização que não lhe cabe. E é por esse motivo que Sócrates contrapõe o aspecto rígido e universal de uma técnica às nuances divinas da poesia. O artista ocupa, então, um lugar diferente daquele próprio ao técnico na medida em que não seria possível, em arte, ter a indiferença de um artesão que pode a qualquer momento escolher uma técnica apropriada a determinado projeto.

Palavras-chave: conhecimento; poesia; técnica.



EPISTEMOLOGIA DA SOCIOPATIA

Rafael Sarto Muller

Doutor em Letras – PUC Minas

E-mail: rafaelmuller776@gmail.com

Resumo: O diagnóstico de sociopatia (Transtorno de Personalidade Antissocial, TPAS, F60.2) apresenta critérios que não atendem ao princípio de não contradição, gerando situações lógicas insustentáveis que resultam em condenações automáticas e arbitrárias dos pacientes acusados. A consciência desse e outros erros lógico-filosóficos, um dos elementos basilares da Teoria da Abjeção – em que o sujeito acata e glorifica os juízos negativos que são feitos sobre ele a partir de argumentações ilógicas –, aparece nos textos literários autoficcionais de escritores condenados, transformando-os em importantes romances filosóficos. A pesquisa apresenta os achados neurológicos associados ao transtorno e suas repercussões comportamentais, as quais podem ser lastreadas nos discursos dos autores estudados. Para a comunicação oral da pesquisa, selecionamos a obra *Diário de um ladrão*, de Jean Genet, e, da lista de critérios, a impulsividade, a qual, atribuída a esses sujeitos, não possui lastro neurológico, vez que áreas associadas ao planejamento são mais extensamente recrutadas em seus processos decisórios. Tal impulsividade não condiz com o processo de escrita de suas obras, em que densidade filosófica e rigor nas seleções vocabulares são fortes premissas, envolvendo, por vezes, um trabalho exaustivo de revisões e modificações no texto. Apesar disso, Genet é acusado de uma inocência entusiástica com o ideal de liberdade de pensamento, a qual o faz tomar decisões que lhe podem, inclusive, prejudicar. Diametralmente oposta, também a racionalização dos atos perpetrados por Genet e sociopatas é ajuizada como confirmação do diagnóstico, de modo que qualquer discurso de defesa será interpretado como culpa diagnóstica em si mesmo. Para os acusados, a argumentação ganha status de retórica vazia e enganação, mas não traço de estilo e boas habilidades de expressão. Do ponto de vista lógico-filosófico, o conjunto de proposições que compõem o diagnóstico e a prova de culpa funciona como um sistema de solução impossível.

Palavras-chave: Teoria da Abjeção; sociopatia; princípio de não contradição.



EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS EM E. DUSSEL E P. H. COLLINS: CRÍTICA AO APAGAMENTO DO CONHECIMENTO DE POVOS QUE FORAM COLONIZADOS

Aparecida Cristina da Silva

Graduanda em Filosofia/Licenciatura – UFG

E-mail: aparecicristina@discente.ufg.br

Filipe Lazzeri

Prof. Dr. FaFIL-UFG

Resumo: Este trabalho (fruto de pesquisa em andamento) visa, a partir especialmente de contribuições de Enrique Dussel e Patricia H. Collins, questionar a legitimidade epistemológica do apagamento dos saberes dos povos colonizados, promovido historicamente pelas matrizes epistemológicas hegemônicas. Na epistemologia, os conhecimentos dos povos colonizados (como é o caso dos povos originários da África e da América), produzidos fora da perspectiva canônica ocidental (dos povos colonizadores, europeus notadamente), ainda são vistos como não científicos, ou mesmo como não sendo conhecimentos. Quando os navegantes europeus chegaram na América, a visão do homem branco prevaleceu como um olhar que encobriu o outro, negando-lhe o direito de contar sua própria história, suas crenças e sua identidade. As heranças desse pensamento colonizador se enraizaram na modernidade e se colocam presentes até os dias atuais, fato que A. Quijano chamou de colonialidade do saber. Ainda que os métodos de justificação ou validação das epistemologias hegemônicas prezem por uma suposta neutralidade axiológica, quando se fala do ramo das ciências humanas o contexto social, o corpo e a história dos(as) agentes produtores de ciência são aspectos que se fazem presentes de forma importante. Pesquisas que desvalorizem ou procurem se abstrair do contexto social, de gênero e raça muitas vezes estereotipam grupos subalternizados, levando ao descrédito suas reivindicações, pautadas por matrizes epistemológicas contra-hegemônicas. Neste trabalho, pretendo traçar uma análise teórica e crítica a partir das leituras de Enrique Dussel (em especial, de sua obra *1492: O encobrimento do Outro*) e Patricia H. Collins (em especial, seu texto “Epistemologia feminista negra”) sobre os fatores que fazem com que o conhecimento de povos que foram colonizados seja deslegitimado, destacando possibilidades de enxergar epistemologias de uma maneira pluralizada e interseccional, prezando por um diálogo de saberes, no lugar da colonialidade do saber.

Palavras-chave: decolonial; epistemologia; contra-hegemonia.



ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A CONCEPÇÃO DO PRINCÍPIO DO SABER EM FICHTE

Marco Antônio Gomes de Freitas

Graduando em Filosofia – UFG

E-mail: marco2@discente.ufg.br

Resumo: Conforme Fichte argumenta no seu escrito sobre o conceito da Doutrina da Ciência de 1794, as proposições singulares não adquirem seu “status” de ciência por si mesmas, porém em um todo. A ciência “deve ser una e um todo” e não uma químera de proposições singulares que formam um todo. Se fôssemos levar isso em consideração, não poderíamos estar seguros epistemologicamente porque nenhuma proposição teria sua justificativa primária que fornece a coerência do todo, ou seja, estaríamos maculados pelo erro/incerteza e não chegaríamos ao nosso objetivo: a verdade. Ademais, essa ciência – que tem um princípio unificador que fornece essa tal coerência do todo – poderá ser sistemática (um meio contingente para se chegar ao resultado esperado) por estabelecer uma sequência a partir de um início já “autojustificado”. O que une todas essas proposições? Uma única certeza idêntica que não apresenta uma justificativa além de si própria. Ademais, para fornecer a sustentação, precisamos esclarecer o princípio fundamental que está em todas as proposições imanentemente: o que confere a verdade e o que possibilita o próprio pensar é a própria consciência de si. No agir do meu pensamento, por mais que trate de objetos que não sejam o eu, a condição de possibilidade para a tomada de consciência dos objetos se faz a partir da atividade imediata que une subjetivo e objetivo, sendo eles inseparáveis. Fichte chama essa consciência de si imediata de “Estado de Ação” (*Tathandlung*) e – na segunda versão da Doutrina da Ciência – de intuição intelectual.

Palavras-chave: conhecimento; intuição intelectual; identidade.



FETICHISMO E REGRESSO MUSICAL NA TEORIA DE THEODOR ADORNO: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Matheus Felipe de Almeida Balthazar

Graduando em Filosofia – UFG

E-mail: matt.felipe@discente.ufg.br

Resumo: Esta apresentação busca explorar os conceitos de fetichismo e regresso musical na teoria estética de Theodor Adorno, um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. Inicialmente, serão introduzidos os fundamentos da teoria de Adorno, incluindo sua crítica à indústria cultural e sua abordagem dialética da cultura. Em seguida, serão examinados os conceitos de fetichismo e regresso musical, destacando suas interconexões com a reificação e a alienação na sociedade capitalista. A crítica marxista será integrada para aprofundar a análise da mercantilização cultural e sua relação com a dinâmica do capital. Serão apresentados exemplos concretos de músicas e movimentos culturais que ilustram esses conceitos, bem como análises críticas de obras específicas à luz da teoria de Adorno. Por fim, serão discutidas as implicações desses conceitos para a compreensão da música contemporânea e para a crítica cultural em geral, incentivando o debate e a reflexão sobre o papel da arte na sociedade.

Palavras-chave: Theodor Adorno; fetichismo musical; crítica cultural.



FILOSOFIA E FORMAÇÃO DOCENTE: RELATOS E VIVÊNCIAS A PARTIR DO PIBID

Aylanne Sousa Vaz

Graduanda em Filosofia – UnB
E-mail: aylannevaz@outlook.com

Rhaynara Morais de Almeida Santos

Graduanda em Filosofia – UnB e em Psicologia – Unip | E-mail: moraisrhaynara@gmail.com

Isabella Alvarenga Lobo Frazão **Thaynara de Brito Gloria**

Supervisora do PIBID – Fil/UnB
E-mail: isalobo.unb@gmail.com

Graduanda em Filosofia – UnB e em Psicologia – Ceub | E-mail: haynarabritog@gmail.com

Resumo: O Novo Ensino Médio (NEM) erige-se através de um panorama distinto da educação, o qual apresenta novas implicações, desafios e oportunidades para o ensino de filosofia, impactando os educadores e os estudantes que se inserem nesta nova realidade de ensino. Faz-se necessária, assim, a busca por abordagens inovadoras e interdisciplinares em sala de aula, acompanhadas da avaliação crítica acerca dos desafios que se circunscrevem no NEM. Dessa forma, a comunicação proposta busca explorar o sentido dessa reestruturação da educação, discutir a formação docente do ensino de filosofia a partir da experiência prática em sala de aula e apresentar estratégias e recursos utilizados no decorrer do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Serão apresentados os princípios fundamentais das metodologias ativas, como a centralidade do aluno, o papel do professor como facilitador e a aprendizagem colaborativa, bem como os desafios para alcançar essa prática. Sendo assim, propõe-se um espaço de partilhas acerca do ensino de filosofia e da formação docente alicerçado nas experiências obtidas com base no PIBID, explicitando jogos, dinâmicas e atividades realizadas. A apresentação abordará a docência nas eletivas de Projeto de Vida e Ciências Humanas, explorando métodos de ensino que envolvem os alunos como sujeitos ativos no processo de aprendizagem, afastando-se de um modelo que reconhece o estudante como depositário e/ou receptáculo para absorção passiva de conteúdos. Além disso, abordar-se-á a realidade docente a partir dos entraves enfrentados, como a diminuição de carga horária das ciências humanas em muitos estados e o dificultoso processo de introdução de temas filosóficos em decorrência do gradual apagamento da filosofia nas escolas. Por fim, serão suscitadas reflexões sobre a importância do ensino de filosofia no Novo Ensino Médio e as possibilidades de um alargamento do conhecimento pela interdisciplinaridade, o que alcança tanto o docente quanto o estudante.

Palavras-chave: filosofia; educação; PIBID.



HANNAH ARENDT E A NEGAÇÃO DO PENSAMENTO

Paulo Ricardo Gontijo Loyola

Doutorando em Filosofia – UFG

E-mail: gontijoloyola@yahoo.com.br

Resumo: Segundo Hannah Arendt, o pensar tem relevância política, sobretudo em momentos de crise, pois a sua própria dinâmica exige que o pensador não se torne vil a seus próprios olhos. O objeto desta comunicação é analisar, a partir da perspectiva dessa autora, o que chamo de negação do pensamento, consistente em abrir mão dessa capacidade individual de estabelecer consigo mesmo um diálogo silencioso. Destaco abaixo os tópicos mais relevantes da presente temática: 1. Arendt diferencia o estar-só (“solitude”) do desamparo (“loneliness”). Quando penso, estou só, mas não me sinto desamparado. Uma maneira de evitar o pensamento é nunca estar só, buscando a companhia de outras pessoas. 2. Quando a companhia de outras pessoas não está à mão, há meios de evitar o pensamento por meio de atividades solitárias que exijam concentração ou, paradoxalmente, evitem qualquer concentração por meio do excesso de estímulos. 3. O enfraquecimento ou a adulteração da memória pode comprometer o processo de pensamento. A memória tem um papel fundamental também na vida moral, pois sem lembranças não há arrependimento possível. 4. Há capacidades espirituais paralelas (calcular, ler, escrever...) que exigem ao menos em parte a retirada do mundo, mas se diferenciam do pensar. Quando alguém calcula corretamente, chega a um resultado verdadeiro; quando se pensa sobre um evento, chega-se ao seu significado. 5. A erudição não implica necessariamente o exercício do pensamento. Para Arendt, o pensar é ativo, distinguindo-se do desfrute passivo de algo. Adquirir cultura e dela usufruir, portanto, não são o mesmo que pensar. 6. Mas produzir cultura é, sem dúvida, uma atividade. Todavia, é possível a um intelectual produzir seus textos sem pensar no sentido que lhe dá Arendt.

Palavras-chave: Arendt; pensamento (negação do); política.



HANNAH ARENDT: DA CONDIÇÃO DE PÁRIA A OUTROS MODOS DE FAZER FILOSOFIA


Carmelita Brito de Freitas Felício

Doutoranda em Filosofia e Profa. FaFIL - UFG

E-mail: carmelita55@ufg.br

Resumo: O estatuto da narrativa na obra de Hannah Arendt vem produzindo interpretações sempre novas e pode nos surpreender o fato de seu pensamento ter um vínculo estreito com os ensaios biográficos e os escritos judaicos, sem os quais, ficaria comprometida a compreensão do conjunto de sua obra. A publicação em 1951 de seu primeiro grande livro, *As origens do totalitarismo* (1951), começa com a história do pária. Foi a condição de pária que lhe permitiu contar a história desse acontecimento de ruptura na história do Ocidente. Foi a condição de pária que a levou a escrever a biografia *Rahel Varnhagem (1771-1833) – a vida de uma judia alemã na época do romantismo* (1958). Foi a partir do julgamento de Adolf Eichmann, em Jerusalém (1961), que Arendt escreve seu “relato sobre a banalidade do mal”, publicado em 1963. Na coletânea *Homens em tempos sombrios*, duas resenhas sobre as biografias de duas mulheres se sobressaem: a de Rosa Luxemburgo (1871-1919), publicada em 1966, e a de Isak Dinesen (1885-1963), publicada em 1968. No livro sobre Rahel e nesses dois textos menores, encontramos uma Arendt solidária com o “destino” dessas mulheres que partilhavam uma característica comum com o dela próprio, eram párias, não assimiladas. Esses escritos rompem com a tradição (no estilo, no “método”, no “modo de fazer filosofia”). É uma “tradição escondida” que encontramos nas narrativas de Arendt, nas quais acontecimentos e vidas singulares preenchem a lacuna de um discurso filosófico cego à pluralidade da condição humana, à contingência insuperável dos acontecimentos históricos e da ação política. Com essa chave interpretativa, temos lido a revisão crítica do trabalho de Arendt, por pensadoras brasileiras e alhures, do campo da filosofia feminista. É com essa mesma chave que vislumbramos um horizonte no qual o próprio feminismo esteja aberto à revisão, de uma perspectiva crítica e autocrítica.

Palavras-chave: párias; feminismo crítico; Arendt.



INDIVIDUALIDADE CONTRA INDIVIDUALISMO: CONTORNOS DA IDEIA DE AUTENTICIDADE NA POLÍTICA DE ROUSSEAU

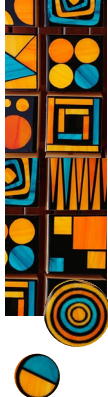
Gabriel Telles dos Santos Burgarelli

Doutorando em Filosofia – UFG

E-mail: gabrielburgarelli@discente.ufg.br

Resumo: Muito bem estabelecida e influente no cotidiano da vida e da política neoliberal do fim do século XX e início do XXI, a ideia de indivíduo é notadamente um construto do pensamento político moderno. O autor Charles Taylor utiliza, inclusive, o termo “cultura da autenticidade” para identificar o produto desse processo histórico. Nesta comunicação, pretendemos abordar algo da contribuição e do posicionamento de Rousseau na conformação da ideia de indivíduo, buscando-nos pautar por uma importante distinção que se pode observar em seu sistema, qual seja, entre individualidade e individualismo. Essas duas construções, cuja distância se torna mais nítida e significativa a partir do século XIX, já têm (mesmo que não sejam nominadas) seus contornos próprios e independentes na obra do filósofo genebrino, principalmente se atarmos-nos à distinção entre o sentimento natural de amor-de-si e o sentimento social de amor-próprio. Na teoria política de Rousseau, notamos a necessidade de confrontar a indispensável ideia de indivíduo com as ameaças de um individualismo. Buscaremos, então, o aspecto antropológico da filosofia rousseauiana para apontar os elementos que diretamente se relacionam e servem como fundamento para o desenvolvimento da estrutura de seus princípios políticos. Para tanto, exploraremos principalmente o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*.

Palavras-chave: indivíduo; individualismo; política.



INDÚSTRIA CULTURAL VERSUS ANTIMÚSICA: MÚSICA CONCRETA E NOISE À LUZ DA FILOSOFIA DA MÚSICA DE THEODOR ADORNO


Ysnay Barbosa Santos

Graduando em Filosofia

E-mail: ysnaybarbosa@discente.ufg.br

Resumo: A filosofia adorniana compreende a produção musical nos termos de “música séria” e “música ligeira”. Esse sistema expresso em “O fetichismo na música e a regressão da audição” marca o que posteriormente seria discutido na obra de Adorno através do conceito de “indústria cultural”. A “música ligeira” se constrói a partir da ideologia dominante, operando na mesma lógica do modelo capitalista: padronizada, repetitiva, criada e reproduzida em uma estrutura cultural concatenada (músicas, filmes, best-sellers, jornais, moda), tendo como objetivo a produção de mercadorias visando somente ao lucro. A outra via é a da “música séria”, um tipo de composição comprometida com o fazer artístico e o único tipo de produção capaz de expor as contradições desse sistema de exploração e exprimir os anseios legítimos do espírito de uma sociedade. As formas de antimúsica têm como principal definidor suas características inovadoras, tal como o “ruído” em suas composições, uma forma atomizada e dismórfica do som, que se opõe diretamente às concepções tradicionais que buscam descrever música como sons organizados. Para Adorno, a melhor característica para definir uma “música séria” é como a composição lida com o esgotamento do aspecto formal do fazer música, sendo o principal argumento na “Filosofia da nova música” em defesa do atonalismo de Schoenberg. O fator inovador escapa da lógica mercadológica e coloca em xeque a música ligeira, agindo como vanguarda contra a indústria cultural. Na presente comunicação, pretende-se analisar casos concretos da história da música, identificando como obras de compositores da tradição concreta como Pierre Schaeffer e Dariush Dolat-Shahi produzem um efeito semelhante ao caso de Schoenberg, enquanto projetos de noise como Merzbow de Masami Akita trazem uma nova perspectiva ao debate adorniano, através da produção de um material sonoro extremamente disruptivo, mas que busca ser reproduzido nos campos de ação e mercado típicos da indústria cultural.

Palavras-chave: indústria cultural; antimúsica; Adorno.



INTERPRETAÇÃO RADICAL DA AÇÃO INTENCIONAL: POSSIBILIDADES PARA UM NOVO HORIZONTE DE REFLEXÃO MORAL

Rafael Carneiro Rocha

Doutor em Filosofia - UFSC

E-mail: rafaelcarneirorocha@gmail.com

Resumo: Em nossa tentativa de articular filosofia da linguagem e filosofia da ação, tomamos como ponto de partida a questão do entendimento entre falantes. Do ponto de vista da linguagem, acompanhamos autores como Quine e Davidson, que propõem a explicação do entendimento entre falantes a partir do assentimento de um ao que o outro enuncia e a partir de estímulo em comum no mundo. O modelo interlocutório nos parece adequado para tratar da questão que, do ponto de vista da reflexão moral, nos interessa: a quem compete enunciar a descrição relevante (ou razão para agir) que caracteriza uma ação intencional? Manifestamos certa preferência investigativa pela concepção de triangulação, de Donald Davidson, como meio logicamente apropriado para a enunciação de ação intencional. Compreendemos que a enunciação da ação intencional por triangulação, isto é, a partir de tentativas de interpretação entre pelo menos dois agentes de linguagem (em papéis de falante e de intérprete) e de estímulo comum em um mundo compartilhado, permite que resultados de conversação também contribuam para a explicação profícua e persuasiva da ação intencional, sem que esta seja reduzida ao ponto de vista do próprio agente (primeira pessoa enquanto responsável pela descrição de sua razão para agir), ou de uma comunidade (segunda pessoa enquanto legitimadora, por convenção, de regras que descreveriam a ação intencional), nem ainda de algo como uma observação empírica, de um ponto de vista de terceira pessoa.

Palavras-chave: ação intencional; interpretação radical; triangulação.



INVESTIGAÇÃO ACERCA DA EXISTÊNCIA DE DILEMAS MORAIS NA *REPÚBLICA* DE PLATÃO

Gabriela Carvalho Carneiro

Mestra em Filosofia – UFG

E-mail: gabriela_carvalho_carneiro@discente.ufg.br

Resumo: A *República* de Platão é uma obra bastante densa e complexa, porque, dentre outras coisas, aborda diferentes assuntos. Nela, temos a definição de justiça, uma proposta de projeto educacional e uma argumentação que evidencia a superioridade da razão em relação aos outros elementos que constituem psiquicamente os indivíduos. Ao discorrer sobre a superioridade da razão em relação aos desejos e apetites, Platão afirma que um cidadão justo, guiado pela razão, viverá melhor do que um guiado por seus apetites. Isso porque, segundo ele, a justiça é um bem. Para Platão, a organização psíquica de um indivíduo é um fator essencial para que ele tenha uma boa vida, no entanto, não parece claro como os elementos externos, as contingências, podem ou não afetar a vida dos cidadãos. Neste trabalho, será analisado como, mesmo levando em consideração uma formação rigorosa que vislumbra, sobretudo, a elevação da razão dos integrantes da polis, é possível ou não que fatores contingenciais submetam os indivíduos virtuosos a dilemas morais e, portanto, à infelicidade. Um dilema moral é uma situação em que, dada duas opções, uma exclui a outra e a escolha por A impede a realização de B. Nessa circunstância, o indivíduo necessita tanto de A quanto de B. São duas opções de escolha necessárias ao sujeito, todavia, uma impossibilita a outra. Diante disso, o indivíduo não tem uma vida plena, feliz. Se os cidadãos guiados pela razão têm uma vida feliz, então, parece, pelo menos em um primeiro momento, que os dilemas morais e a fortuna não serão parte de suas experiências. A reflexão sobre a existência de dilemas morais na *República* norteia esta pesquisa.

Palavras-chave: razão; dilemas morais; fortuna.



JESUS NA FILOSOFIA DE SPINOZA

José Soares das Chagas

Prof. Doutor – UFT

E-mail: jsoaresdaschagas@uft.edu.br

Resumo: A desmistificação da natureza e o combate filosófico contra a superstição introduzida no pensamento pela teologia e explorada pelo poder político fazem de Spinoza um filósofo cujos pressupostos ontológicos e epistemológicos afastam qualquer postulação de uma divindade transcendente e antropomórfica. Se isso se pode falar de Deus ou da Natureza ou, falando ontologicamente, da substância única, quanto mais não se poderá afirmar sobre a figura do Cristo, que é um modo finito desse princípio *causa sui* à semelhança de qualquer outro modo existente. No entanto, no *Tratado teológico-político* (TTP), aparecem muitas passagens em que a figura de Jesus é apresentada de uma maneira destacada em relação ao restante dos outros modos da natureza. Colocado em relação com a tradição judaica de Moisés, é mencionada sua superioridade pelo fato de que, enquanto o fundador da teocracia hebraica conheceu Deus “face a face”, Jesus O conheceu “mente a mente”. Além do mais, diz-se que ele é a própria sabedoria encarnada. Neste sentido, pretende-se entender o significado do lugar dessa personagem enigmática no interior do pensamento de Spinoza, ou seja, apresentar como conceitos de uma cristologia (salvação, encarnação, eternidade) assumem um caráter não teológico no pensamento do autor holandês e se tornam uma ética.

Palavras-chave: Jesus; TTP; natureza.



MAL E SOFRIMENTO EM RICOEUR: O PADECIMENTO DO JUSTO NO LIVRO DE JÓ


Vinicius Araujo da Silva Nascimento

Mestrando em Filosofia – UFG

Email: viniciusnascimento@discente

Resumo: O presente artigo trata da problemática do mal em Paul Ricoeur. Para o autor, o homem está no mundo e, como tal, está constantemente suscetível a falhar; ele retoma aquela possibilidade de se enganar presente em Descartes, na qual o homem está em uma constante tensão entre finito-infinito, e lê essa mesma condição a partir de Kant, Hegel e Husserl. A partir daí, se faz necessário entender o que significa esse mal que o homem pode cometer e diante do qual está posto; para tanto, Ricoeur analisará vários níveis simbólicos presentes nos mitos e nas narrativas da história da humanidade, que manifestam, em seus respectivos períodos, o pensamento e a compreensão de mundo de determinadas pessoas. Para o autor, somente entendendo a simbologia do mal é possível ter maior clareza da consistência dele, principalmente a partir do mal confessado; ele, no fundo, pretende entender através dos mitos, que apresentam extratos de sentido que antecedem a apropriação filosófica acerca do mal, essas formas mais basilares acerca da existência do mal e da posição humana diante dele. Compreendendo, pois, o que significa o mal e a implicação humana em face dele, é necessário compreender também aquele mal existente no mundo, o qual não tem uma origem consciente nem intencional. Para a presente análise, tomaremos como referência privilegiada o livro bíblico de Jó e a leitura que o próprio Ricoeur faz dele.

Palavras-chave: mal; falha; sofrimento.



MONITORIA PARA QUE E PARA QUE SERVE SER MONITOR? UM OLHAR SOBRE OS BENEFÍCIOS DE SER MONITOR E DE QUE MANEIRA ISSO CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO EM LICENCIATURA

Elias Ribeiro da Silva Junior

Graduando em Filosofia/Licenciatura – UFG

E-mail: elias2@discente.ufg.br

Resumo: Com o corrente trabalho, tenho a pretensão de relatar minha experiência com a monitoria de duas disciplinas e de que maneira essa experiência possibilitou o desenvolvimento de competências interessantes a uma graduação em licenciatura e, mais especificamente, licenciatura em filosofia. Há muito que pode ser feito em um programa como a monitoria e os meios digitais são uma forte ferramenta nesse sentido. Certamente é desejável a ideia de realizar encontros presenciais entre o monitor e os estudantes que precisam de seu auxílio, porém, por diversos fatores, nem sempre é viável que isso seja feito e há diversos meios de driblar esse empecilho: grupos de WhatsApp com os integrantes de cada turma, reuniões remotas e link para a gravação dessas reuniões, slides e resumos, atendimento individual, correção de textos, entre outros. É válida a ressalva de que a forma mais adequada de uma monitoria ser realizada depende muito da especificidade de cada disciplina, todavia, quaisquer que sejam os meios, é preciso comprometimento para que seja um trabalho bem-feito e eficiente em ajudar os estudantes. Um trabalho que, ao ser realizado, exige competências como capacidade de síntese, leitura e interpretação, uma boa didática e uma boa comunicação. Competências essas que não só beneficiam os estudantes que fazem uso da monitoria, mas, como ficou evidente, o próprio monitor que lança mão dessa tarefa, uma vez que são capacidades treináveis.

Palavras-chave: competências; monitoria; licenciatura em filosofia.



NATUREZA HUMANA EM MAQUIAVEL

Helder Canal de Oliveira

Doutor em Sociologia e doutorando em Filosofia - UFG

E-mail: helder.canal@ifmt.edu.br

Resumo: A intenção desta comunicação é apresentar o entendimento de Maquiavel de natureza humana, especificamente se o humano é bom ou mau. Apesar de Maquiavel tangenciar esse tema, essa discussão é importante para entender melhor o seu pensamento político, principalmente para compreender como deve ser o ordenamento de um regime político. Busca-se, portanto, apresentar a antropologia filosófica maquiaveliana e como ela é mediada pela ação política. Tendo essa problemática por base, é comum pensar que Maquiavel entende o humano como mau. Inclusive, há trechos de suas obras em que parece que ele defende essa tese. Contudo, diferentemente do que habitualmente se atribui ao florentino, ele pensa que o humano não é bom nem mau. O que é inerente ao humano é o desejo, que é insaciável, mas a satisfação dele é limitada. Consequentemente, surgem várias desavenças entre os humanos, que se desdobram em conflitos entre humores e que devem ser levadas em conta pelo legislador no momento de fundar um regime político. Assim, todo legislador deve pressupor que os humanos são maus. Isso é importante para pensar nos piores cenários possíveis ao fundar e organizar um regime político para não ser surpreendido por acontecimentos não previstos no ato fundacional. Maquiavel pensa dessa maneira ao afirmar que todos os humanos serão maus quando tiverem ocasião de o serem. Mas também afirma que os humanos podem ser bons por necessidade. Esta pode ser dada pelas circunstâncias existenciais, pelo momento ou pela lei. Com isso, percebe-se que o entendimento maquiaveliano sobre o humano é complexo, pois os humanos não são totalmente bons nem maus, mas desejantes. Tudo depende das circunstâncias objetivas e políticas para verificar se a ação humana foi boa ou não. Isso significa que a bondade e a maldade não são intrínsecas ao humano, pois toda ação, para Maquiavel, é balizada pelas consequências políticas que acarretam.

Palavras-chave: natureza humana; desejos; ação política.



NIETZSCHE E FREUD: APROXIMAÇÕES A PARTIR DA ESTÉTICA E FILOSOFIA DO TRÁGICO

Bruno Werneck

Graduando em Filosofia – UFG

E-mail: bruno_werneck@discente.ufg.br

Resumo: O trágico enquanto movimento estético moderno teve suas raízes na Alemanha do século XIX, impulsionado pelos autores do romantismo alemão. Após uma série de desenvolvimentos e elaborações, os autores do *sturm und drang*, movimento artístico literário traduzido como “ímpeto e tempestade”, resgataram a tragédia grega como movimento estético e provocaram, segundo Isaiah Berlin, uma revolução sem precedentes no pensamento ocidental. Nietzsche afirma ser o primeiro filósofo trágico e inaugura, com sua filosofia, uma nova maneira de pensar o homem a partir da crítica ao idealismo alemão. O trágico, como campo marcado pela dialética e pela contradição, anuncia a modernidade e imprime uma nova concepção de homem, pautada pela insolúvel dissonância que o habita. Freud faz dessa contradição seu campo teórico, ao afirmar que “o homem não é senhor em sua morada” e funda a psicanálise como práxis clínica teorizada. O objetivo deste trabalho é investigar as possíveis aproximações e articulações entre os dois autores e suas contribuições para o pensamento moderno. A partir da análise de dois textos principais – *O nascimento da tragédia*, de Nietzsche, e “O estranho”, de Freud –, outros artigos e leituras complementares serão analisados no intuito de uma revisão que possibilite essa articulação, cujo intuito é a abertura de um campo investigativo e de debate em relação ao tema proposto.

Palavras-chave: filosofia; psicanálise; estética.



NOTAS SOBRE A NOÇÃO DE MORTE E A LINGUAGEM EM ESPINOSA

Maykel Mizael de Paiva

Graduando em Filosofia – UFG

E-mail: maykelmpaiva@hotmail.com

Resumo: O problema da morte em Espinosa se apresenta em dois níveis: o primeiro, que chamo de interno ou intrínseco, se encontra nas palavras do próprio Espinosa na *Ética*; o segundo, que chamo de externo ou extrínseco, decorre das interpretações correntes da filosofia espinosana que, ao ignorar ou tratar como resolvida a questão da morte, acabam por deixar escapar nuances importantes para as leituras dos textos espinosanos. Se, nas palavras de Espinosa, a morte é a coisa que menos é pensada pelo indivíduo livre, já que sua sabedoria é uma meditação sobre a vida e não sobre a morte (E IV, prop. 67), os seus intérpretes se permitem não abordar o tema para permanecerem “livres” ou, quando precisam abordá-lo, o tratam como simples destruição externa, causada por um fator alheio ao ser que é destruído, ou seja, no ser das coisas não há nada que leve à sua própria destruição (E III, prop. 4). Tais posturas fazem com que tanto o materialismo espinosano quanto a sua metodologia percam muito em profundidade filosófica e implicações práticas. É na tentativa de uma compreensão mais concreta da morte que a investigação dessa noção em Espinosa se propõe: partindo do lugar da linguagem na vida comum e do seu papel na filosofia espinosana, o trato linguístico da morte toma o uso da *prima significatio*, o seu método “*a ordem que naturalmente temos*” e até mesmo a *subversão conceitual* que Espinosa opera na sua escrita como instrumentos para um outro modo de abordar o problema. Modo esse que suscita discussões próprias à morte, como o estatuto das palavras e o tipo de conhecimento contido nelas, mas também discussões subjacentes a ela, como as diferentes finalidades (metodológicas e nunca teleológicas) dos vários textos de Espinosa e de uma visão mais dinâmica e múltipla do seu sistema filosófico.

Palavras-chave: Espinosa; morte; linguagem.



O 8 DE JANEIRO DE 2023 DIANTE DA MENTIRA DELIBERADA E DA PROPAGANDA DE MASSAS: REFLEXÕES A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Emmanuel de Paula Ferreira Rocha

Graduando em Filosofia/Licenciatura – UFG

E-mail: emmanuel_ferreira@discente.ufg.br

Resumo: Diante da gravidade do acontecimento violento, destrutivo e golpista em 8 de janeiro de 2023, que abriu uma fenda no seio da democracia brasileira, colocando-a em sério risco, o exercício filosófico nos impõe o desafio de atribuir juízos sobre essa ruptura. O presente trabalho dialoga com a obra filosófica de Hannah Arendt, mobilizando os conceitos de mentira deliberada na política (Arendt, 2005; 2023), em conjunto com o de propaganda de massas (Arendt, 2012), como alternativas plausíveis para o entendimento do que nos sucedeu. Para tanto, recorremos a registros jornalísticos e documentais na reconstrução da narrativa desses atos destrutivos, evidenciando fatos que contribuíram decisivamente para a ocorrência dessa tentativa golpista, principalmente: (1) a influência das redes sociais; (2) a cooptação e o aparelhamento das forças de segurança; e (3) a permissibilidade das autoridades militares diante de crimes políticos. Munidos desses elementos, investigamos a mentira como parte da capacidade humana de ação, relacionada à liberdade existente em nossa condição. Refletiremos ainda sobre como a sua disseminação organizada e deliberada na política – através da criação de imagens –, acrescida da manipulação provocada pela propaganda de massas, voltada à doutrinação (Arendt, 2012), provoca a erosão da realidade factual (Arendt, 2005; 2023). Concluimos, por fim, que a disseminação em massa de narrativas deliberadamente falsas – como a insegurança das urnas eletrônicas, o cerceamento da liberdade de expressão, a “instauração do comunismo” pelo atual governo, em conjunto com a criação de um filtro informacional nos ambientes digitais – alimentou afetos violentos e aversivos ao sistema democrático de direito, resultando na trágica depredação dos símbolos democráticos brasileiros.

Palavras-chave: mentira deliberada; propaganda de massas; 8 de janeiro de 2023.



O COMPATIBILISMO NA TERCEIRA ANTINOMIA DA RAZÃO PURA

Thiago Silva Medeiros

Graduando em Filosofia – UFG

E-mail: silva.thiago@discente.ufg.br

Resumo: Kant aborda a questão da liberdade, que a princípio seria uma questão cosmológica, a partir da causalidade, destacando duas formas principais: a causalidade natural e a causalidade pela liberdade. A causalidade natural se refere à conexão de eventos no mundo sensível, onde um estado precede outro de acordo com regras determinadas. A causalidade natural pressupõe que todo evento tem uma causa, e essa causa também tem sua própria causa, formando uma cadeia causal. Por outro lado, Kant define a liberdade como a capacidade de iniciar um estado sem ser determinado por uma causa externa, ou seja, uma capacidade de agir independentemente da cadeia causal natural. Essa liberdade é uma ideia puramente transcendental, não derivada da experiência, mas necessária para a própria possibilidade da experiência, pois permite que a razão conceba a possibilidade de agir de forma autônoma. No âmbito prático, a liberdade é entendida como a independência da vontade em relação aos impulsos sensíveis. O arbítrio humano, embora sensível, não é meramente determinado pelos impulsos da sensibilidade, mas tem a capacidade de se autodeterminar, agindo de acordo com a razão prática. Kant ressalta a importância da liberdade transcendental para a liberdade prática, argumentando que a supressão da primeira anularia também a última. A liberdade prática implica a capacidade de agir além das leis naturais, iniciando ações que não são meras consequências naturais, mas que surgem da autonomia da vontade humana. Prático aqui, então, apresenta uma conotação que estabelece sentido a partir daquilo em que o livre-arbítrio (*arbitrium liberum*) exerce influência direta, seja como princípio, seja como consequência. Como contraponto, o filósofo também discorre sobre um arbítrio simplesmente animal (*arbitrium brutum*), que diria respeito a uma espécie de inclinação patológica causal determinada por impulsos sensíveis. Até que ponto então a humanidade poderia se dizer livre a partir de Kant?

Palavras-chave: liberdade; causalidade; arbítrio.



O CONCEITO DE ABJETO EM BUTLER E SUA POSSIBILIDADE DE AMPLIAÇÃO DOS ENQUADRAMENTOS

Alex Ferreira de Almeida

Mestrando em Filosofia – UFMT

E-mail: contato.alex.f@outlook.com

Resumo: Este artigo busca evidenciar, nas produções filosóficas de Judith Butler, como o conceito de abjeto é utilizado para criticar as estruturas normativas, ou seja, como corpos, ontologias e vivências que são categorizados como abjetos têm o “poder” em verberar os enquadramentos constitutivos. Compreende-se o resgate de Butler ao conceito de abjeto formulado por Julia Kristeva, no qual o sujeito que forma-se pelos discursos, leis e normas sociais vai enquadrando-se dentro de uma ontologia concebida pelas estruturas de poder. Ao mesmo tempo, compreende-se também que, para esse campo do inteligível existir, necessita do outro, esse abjeto, foracluído. Portanto, para uma estrutura que deseja/almeja reproduzir uma sociedade racializada, é necessário produzir ontologias que se encaixam dentro das “identidades” de pessoas brancas; logo, para se afirmar uma identidade, nega-se outras formas identitárias. Todavia, autores como Fanon, Lélia Gonzalez, Hooks, Mbembe, entre outros, argumentam que as produções do “outro” são fabulativas, visto que suas determinações são dadas por uma estrutura racializada. Dessa forma, segundo Butler, o que define ser negro é fantasmagórico. Assim, o que é apresentado como abjeto por Kristeva se encontra atrelado com o que Butler define como enquadramento, que visa categorizar, enquadrar, colocar em destaque vidas que serão apreendidas pela normatividade e, conseqüentemente, serão protegidas, reconhecendo sua precariedade e sua vulnerabilidade. Esses corpos categorizados, apreendidos como enlutáveis, necessitam de corpos dissidentes, fora da normatividade, pois, para que aqueles alocados no campo do inteligível existam, necessitam destes outros retirados de seu estatuto ontológico pela estrutura de poder, tendo em vista que o assujeitamento pressupõe tal relação dialética.

Palavras-chave: Judith Butler; abjeto; enquadramento.



O CONCEITO DE GOSTO SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Geraldo Márcio da Silva

Doutorando em Educação – UFG

E-mail: geraldo.silva@seduc.go.gov.br

Resumo: Este trabalho investiga o conceito de gosto segundo Jean-Jacques Rousseau. No *Dicionário de música* publicado em 1768, Rousseau descreve no verbete intitulado “Gosto” que, dos dons dados pela natureza, ele é o que se decodifica de modo notório com aquilo que se sente e se distancia do que é explicável. Ele afirma que cada homem tem um gosto que é próprio e esta especificidade leva-o a decodificar o que entende-se por belo e bom do que lhe é inerente. O que de especial tem o homem que foi educado para gerenciar seu gosto na vida social, já que nas palavras do genebrino o gosto não pode ser entendido como sensibilidade? É possível educar os homens para que possam conduzir seus gostos? No *Emílio*, será abordado como o preceptor conduz o aluno para sempre percorrer o caminho natural. A pretensão é afirmar o caminho percorrido por via da educação negativa em prol da preservação do gosto. Desse modo, estabelecer uma ligação direta entre o gosto e o amor-de-si na busca da possibilidade, por meio da educação, da condução do amor-próprio, em outras palavras, daquilo que lhe seja benéfico na vida social. Para tal, o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* será a base para a definição do que é o amor. O intuito é compreender o gosto acoplado ao que Rousseau define por amor.

Palavras-chave: gosto; amor; Rousseau.



O CONCEITO DE JUSTIÇA NA CIDADE DE DEUS DE AGOSTINHO DE HIPONA

Paulo Afonso Tavares

Doutorando em História – UFG

E-mail: jor.pauloafonso@gmail.com

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar como Agostinho de Hipona define o conceito de justiça em sua obra *Cidade de Deus*. Agostinho realiza uma reflexão aprofundada sobre a natureza da justiça e a coexistência de duas cidades metafóricas: a Cidade de Deus e a cidade terrena. A Cidade de Deus é retratada como uma comunidade ideal, fundamentada no amor a Deus e no repúdio ao egoísmo, onde seus habitantes almejam alcançar a verdadeira paz e a justiça divina. Em contraposição, a cidade terrena é impulsionada pelo amor próprio levado ao extremo e pelo desprezo a Deus, sendo caracterizada pela incessante busca de poder e pela prevalência de conflitos. A justiça, segundo Agostinho, é essencialmente uma virtude que não se encontra verdadeiramente na cidade terrena, pois esta é marcada pela injustiça e pela imoralidade, características que refletem a ausência do amor divino e a prevalência do amor próprio. Nesse contexto, Agostinho argumenta que uma verdadeira justiça só pode ser alcançada sob a égide do divino, em que o culto a Deus orienta as relações sociais e políticas. Portanto, a justiça não é apenas um conceito jurídico ou ético, mas profundamente teológico, ligado à ordem divina. Essa dualidade das cidades é um tema recorrente que Agostinho usa para discutir a natureza do bem e do mal, a moralidade e a condição humana. Cada cidade representa uma forma de amor: amor próprio, que leva à perdição, e amor a Deus, que promove a salvação. Essa visão é influenciada pela filosofia cristã, que coloca Deus no centro de todas as coisas, incluindo a ordem social e a lei moral. A relação entre as duas cidades é de antagonismo e tensão, mas também de interdependência, pois uma não pode existir sem a outra no plano da salvação. Agostinho vê a história humana como um campo de batalha entre essas duas cidades, em que cada alma deve escolher a qual cidade pertencerá. Essa escolha define o destino eterno das almas: a salvação na Cidade de Deus ou a perdição na cidade terrena.

Palavras-chave: justiça divina; cidade terrena; Agostinho de Hipona.



O CONTRASTE NAS RELAÇÕES DE TEMPO E IDENTIDADE ENTRE SÍMBOLO E ALEGORIA: UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DE WALTER BENJAMIN E PAUL DE MAN

Gabriel Nunes de Souza Jinkings

Mestrando em Filosofia – UFG

E-mail: gabrieljinkings17@gmail.com

Resumo: O propósito desta comunicação é abordar a distinção nas relações de tempo e identidade entre as formas de expressão simbólica e alegórica. Nossa hipótese é que a supressão da alegoria barroca em favor do símbolo durante o século XVIII não ocorreu apenas devido a um conflito de valores que favoreceu o símbolo, mas também devido ao conhecimento negativo proporcionado pela natureza temporal da alegoria, o que inclui a desintegração de uma ilusão de um *eu* temporalmente estável. Essa interpretação é fundamentada na discussão realizada por Walter Benjamin em seu *Trauerspiel-Buch* (1927) e por Paul De Man em sua obra *Blindness and insight* (1971). Ora, ao reabilitar a alegoria, Benjamin percebe que o romantismo comete um equívoco ao supor que a unidade entre o objeto sensível e o suprassensível seria alcançada no belo sensível através do simbólico. Isso implica considerar que a totalidade da forma estética poderia ser prefigurada na forma humana, ou seja, que a forma humana poderia constituir uma unidade completa em si mesma. Na estética do simbólico, Benjamin identifica uma tentativa desesperada em ocultar a desintegração da vida como decadência. Ao examinar profundamente a estruturação que conduziu à valorização de uma forma em detrimento de outras, De Man, por sua vez, percebe que a repressão ao alegórico no romantismo pode ser evidenciada pela percepção do indivíduo romântico em relação à sua condição temporal, destacada pela alegoria. Isso leva o romantismo a adotar uma estratégia de preservação do *eu* por meio da dicção simbólica. Nesse sentido, não haveria lugar para a alegoria, pois lidar com ela implica lidar com o conflito entre o *eu* e sua situação *autenticamente temporal*. Isso inclui aceitar duas situações dolorosas para o sujeito: em primeiro lugar, renunciar à nostalgia e ao desejo de coincidir, e, com isso, assumir uma linguagem que evidencia o vazio de uma diferença temporal; e, em segundo lugar, como consequência do primeiro ponto, a desintegração da ilusão de um *eu* temporalmente estável, o que conduz a um autoconhecimento negativo.

Palavras-chave: alegoria; símbolo; tempo.



O GÊNERO CENSURADO: A MULHER COMO UM SER INAPROPRIADO AO ESPAÇO PÚBLICO E À POLÍTICA


Ingrid Talissa Barbosa de Brito

Mestranda em Filosofia – UFG

E-mail: ingridtalissa@discente.ufg.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo, em seus limites, contribuir para uma análise de como a violência política de gênero permanece presente no âmbito sociocultural vigente, a partir de uma perspectiva histórico-filosófica. Igualmente, é de interesse explicitar um certo tipo de alienação a que as mulheres são submetidas socialmente, de modo que elas acreditem que são membros participantes das atividades do meio público e político. Para tal intuito, passa-se por um breve relato histórico, como forma de contextualizar que a violência de gênero é uma construção do patriarcado, que estrutura e determina como a organização social se dará. Dentro dessa organização, ao patriarcado pertence: o serviço de conceitualizar o papel de cada indivíduo, definir por meio do sexo biológico as relações, assim como naturalizar concepções criadas socialmente – ser masculino ou feminino – de modo a favorecer o homem. Fundamentamo-nos nas teorias de Benhabib, Lefort, Tavares, entre outros, para demonstrar como a democracia e os direitos humanos são instituídos e não são propriamente cumpridos, oprimindo grupos específicos e inviabilizando-os. Além disso, este trabalho visa também despertar olhares para as mudanças possíveis dentro dos sistemas jurídicos, políticos e sociais para a criação de estruturas mais participativas, nas quais as mulheres não necessitem da aprovação dos homens para exercerem seus papéis fora do ambiente privado.

Palavras-chave: violência; política; gênero.



O JOGO COMO ATIVIDADE PROPULSORA DA CRIATIVIDADE NO PENSAMENTO DE ALFONSO LÓPEZ QUINTÁS

Luciana Schuster

Doutoranda em Filosofia – Universidade Católica Portuguesa

E-mail: lucianaschuster17@gmail.com

Resumo: O conceito de jogo proposto pelo filósofo Alfonso López Quintás evidencia o seu carácter livre e regido por normas, que lhe confere de vir a ser uma realidade envolvente e promotora da criatividade humana. Por essa razão, tal atividade não se restringe a ser um mero divertimento, cujo fim se concentra na liberação de energias. O jogo, em seu valor estético, possibilita a criação de âmbitos de interferência, isto é, de realidades firmes, não visíveis nem palpáveis ao modo das coisas e objetos físicos, mas relações consistentes de significação, linhas de sentido, campos de possibilidades de ação que compõem os espaços habitáveis pelo homem. Para isso, é fundamental a atitude ativo-receptiva do homem de imergir-se no jogo, cujo dinamismo impulsiona e orienta as suas ações à luz que emana do próprio jogo. Trata-se de um acontecimento dialógico, de um encontro, em sentido rigoroso, do qual brota luz de sentido e beleza. Para o autor, jogo e jogador vão constituindo-se e enriquecendo-se mutuamente, revelando o carácter relacional da realidade e como os elementos meramente objetivos se transfiguram ao entrar na dinâmica do jogo. Neste trabalho, busca-se refletir sobre a noção de jogo no pensamento de López Quintás e como ela articula-se com a noção de criatividade, como atividade propulsora da ascensão humana e espiritual.

Palavras-chave: jogo; López Quintás; criatividade.



O MAL-ESTAR NA DOCÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE FILOSOFIA

Ludmylla Pereira da Silva

Graduanda em Filosofia/Licenciatura – UFG

E-mail: ludmylla_pereira@discente.ufg.br

Resumo: Apresentar as bases que sustentam a monografia que venho escrevendo para integralizar o curso de Licenciatura em Filosofia na UFG é o objetivo deste trabalho. Minha pesquisa teve início há dois anos, no Estágio Curricular Obrigatório. A problemática, enunciada no título, é fruto de minhas observações e vivências na escola-campo do estágio – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae/UFG) –, na escola parceira do Programa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) e de experiências que marcam minha trajetória no curso. O tema da pesquisa nasceu de uma interação com a escola – no ano em que vivemos sob o impacto de uma pandemia. No entanto, “o mal-estar na docência” guarda uma estreita conexão com o “mal-estar na civilização”, título do célebre texto de Freud (1930), no qual o autor esclarece que esse “mal-estar” é generalizado, produz sofrimento e pode se manifestar ou não por meio de patologias. A atualidade indiscutível das predições de Freud fez com que nos perguntássemos pelo “mal-estar” produzido pelas “patologias” do nosso tempo. A chave de leitura para tratar do problema me foi dada pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, nas obras *Sociedade do cansaço* (2015), *Topologia da violência* (2017) e *Sociedade paliativa* (2021). Lendo-as, encontrei o caminho para investigar as condições nas quais professoras(es) vêm exercendo a docência, em um cenário de “produção” do adoecimento. O objetivo da comunicação, como já dito, é apresentar a problematização filosófica que, conjugada ao trabalho de campo nas escolas parceiras do Estágio e do PIBID, sustenta a proposta de discutir o “mal-estar na docência”. Restaria, ainda, para dar conta da promessa feita no enunciado, falar das implicações, das relações desse “mal-estar” com o ensino de filosofia, questão a ser abordada na segunda parte da monografia, em elaboração e, por isso, objeto de uma comunicação ainda por vir.

Palavras-chave: mal-estar; docência; Byung-Chul Han.



O NIILISMO EM ASSIM FALOU ZARATUSTRA

David Miguel Costa

Graduando em Filosofia – UFG

E-mail: davidmiguel@discente.ufg.br

Resumo: Ao longo de sua obra, Nietzsche analisa de forma crítica os mais variados temas e, como perspicaz observador, percebe um mal que assola aquela época: o niilismo. A fim de falar sobre este e outros assuntos, o filósofo acaba por criar Zaratustra, o ímpio. Esse antigo personagem vem com uma roupagem nova e, para a filosofia que até então era conceitual, ganha contornos literários através de uma poesia enigmática, cantada nas linhas dos discursos zaratustrianos. Desfazendo séculos de racionalismo conceitual, acaba dando vida ao dionisiaco, através do pensamento trágico. Esses discursos anunciam a morte de Deus e, como consequência, o nascimento do último homem, fruto do racionalismo socrático-platônico em aliança com a moralidade cristã. Uma sociedade resultante da decadência causada por seus alicerces corrompidos não consegue caminhar sem um repositório transcendental. E é como resposta ao desafio niilista da vontade do nada que Nietzsche apresenta o Super-homem, que, através da transvaloração dos valores, pode chegar ao Eterno Retorno e assim superar o niilismo e sua vontade vazia.

Palavras-chave: niilismo; morte de Deus; Super-homem.



O PAPEL DA METÁFORA NA FILOSOFIA DE JUVENTUDE DE NIETZSCHE


Gabriel Anjos da Silva

Mestrando em Filosofia – UFG

E-mail: gabrielanjos@discente.ufg.br

Resumo: Esta pesquisa investiga o papel da metáfora na filosofia de Nietzsche, com foco em seu período de juventude. O objetivo é destacar a importância desse conceito no contexto de uma filosofia da interpretação, que pode-se entender esboçada nesse período do pensamento de Nietzsche. A análise envolve o exame do questionamento das noções tradicionais de verdade presentes na história do pensamento ocidental, alinhando isso com a abordagem filológico-interpretativa proeminente na filosofia do autor. A pesquisa sugere que as influências filosóficas que moldam o pensamento de Nietzsche estão entrelaçadas com as ideias de dinamismo e mutabilidade, sob forte influência de Heráclito. Ao buscar uma compreensão mais profunda do papel da metáfora na filosofia de Nietzsche, este trabalho pretende esclarecer os desdobramentos desse conceito na sua obra e oferecer uma perspectiva adequada sobre a relação entre verdade e conhecimento.

Palavras-chave: metáfora; verdade; interpretação.



O PODER NA ERA DA INFORMAÇÃO: COMENTÁRIOS ACERCA DA DIFERENÇA ENTRE INSTRUMENTARISMO E TOTALITARISMO DIGITAL

André Vinícius Dias Carneiro

Mestrando em Filosofia – UFG

E-mail: andre Carneiro05@yahoo.com.br

Resumo: O grande desafio em analisar tanto a política quanto as suas relações com a verdade em nosso tempo é que temos apenas ferramentas antigas para tratar de fenômenos novos. O século XXI é muito diferente de seus antecessores, a velocidade da circulação de informações nos impõe uma dinâmica muito própria, revolucionando não apenas as relações pessoais e políticas, mas também as relações econômicas. Neste novo período histórico, os meios de produção econômicos se colocam à disposição da modificação comportamental, o que garante um resultado cada vez mais exato em termos mercadológicos. Toda a engenharia criada para servir a esse mercado gera um poder de prever o comportamento crucial para o seu próprio sucesso. Esse novo poder é chamado pela autora Shoshana Zuboff de “instrumentarismo”, por se tratar de uma instrumentalização e uma instrumentação do comportamento para propósitos de modificação, predição, monetização e controle. A “instrumentação” seria o aparato tecnológico ubíquo conectado que permite a compilação e a interpretação da experiência humana, já a “instrumentalização” é voltada para a transformação dessa experiência em meios para se alcançar o mercado de predição. Essa nova forma de poder traz consigo um segundo confronto com a falta de precedentes históricos, afinal, dentro desse mercado, ele se torna o seu principal sustentáculo e amplia o projeto capitalista. Para pensar esse novo momento, a autora se recorda dos ensinamentos de Arendt acerca do fenômeno totalitário do século XX. Apesar de se assemelharem em alguns aspectos, Zuboff nos alerta que não é possível confundir o poder instrumentário com o totalitarismo em razão de seus métodos.

Palavras-chave: totalitarismo; capitalismo; controle.



O USO DE TÉCNICAS MILITARES NO PROCESSO DE DOMINAÇÃO TOTALITÁRIA DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Samarone de Oliveira Lopes

Doutorando em Filosofia – UFG

E-mail: samarone.filosofia@gmail.com

Resumo: O processo de dominação totalitária desenvolvido nos campos de concentração baseia-se no princípio de que a dominação total do homem só é estabelecida quando o ser humano é transformado em um ser completamente condicionado, totalmente despersonalizado e sumariamente impossibilitado de qualquer ação, transformando-se em um ser autômato. Sob tais condições, suas reações passam a ser previsíveis, inclusive quando submetido a uma espécie de treinamento condicionado – a exemplo do cão de Pavlov. Como resultado desse processo degradante, os seres humanos, nos campos de concentração, apresentam comportamentos e reações repetitivas, sendo levados a aceitar a realidade a qual se veem submetidos, não conseguindo reagir a ela. Esse modelo perfeito de domínio total mostrou a decomposição de uma sociedade, de todas as classes, exalando um mau cheiro de valores destruídos. Tal destruição faz pairar uma sombra ameaçadora por todo o planeta, evidenciando que o mal acabara sendo incomensurável para triunfos militares. Com efeito, nossa comunicação busca compreender os elementos físicos e as condições psicológicas que fazem com que os campos de concentração sejam considerados laboratórios da dominação totalitária, segundo Hannah Arendt. Para nossa autora, a experiência dos campos de concentração testemunhou que os seres humanos podem transformar-se em espécimes do animal humano e que a “natureza” do homem só pode ser considerada “humana” na medida em que possibilita que esse homem se torne eminentemente não natural.

Palavras-chave: campos de concentração; militarismo; totalitarismo.



PARA ALÉM DAS DÚVIDAS, A MONITORIA COMO MEIO DE CRESCIMENTO FILOSÓFICO


Arthur Augusto Alves de Oliveira

Graduando em Filosofia – UFG

E-mail: arthuraugusto@discente.ufg.br

Resumo: Em conformidade à proposta de uma sessão temática, na XXVIII Semana de Filosofia da UFG, dedicada a tratar de questões que envolvem o programa de monitoria, seus benefícios e dificuldades enfrentadas, proponho desenvolver uma reflexão do tipo de nutrição filosófica que a monitoria oferece aos discentes, além do mero auxílio conteudista. A experiência que tive ao participar de diversas atividades de monitoria, na posição de monitor e estudante, me revelou possibilidades de incorporação filosófica mais robustas e ativas do que aquela que temos em mente ao olhar tipicamente para a monitoria como um “momento de tirar dúvidas”. Especialmente entre os ingressantes recentes no curso, o engajamento nos temas filosóficos abordados informalmente e aproximados da linguagem jovial do dia a dia resulta não só em uma melhor compreensão do conteúdo ou desempenho avaliativo aprimorado, mas também na criação de um vínculo mais íntimo com as questões filosóficas abordadas, o que é essencial para o desenvolvimento do pensamento ativo que desloca o discente da posição de estudante de filosofia para a posição de um protofilósofo em crescimento, tendo o monitor como guia e mediador na exploração dessa reflexão crítica. Isso ocorre de tal forma que era comum que questões típicas do tratamento de dúvidas na monitoria caminhassem progressivamente para se transformarem em conversas genuinamente filosóficas sobre problemas mais profundos e complexos, conectados à realidade vívida do estudante que agora exercita o pensamento crítico. Essa atividade, que se esconde ao olhar mais superficial sobre participar da monitoria, tem a potência de se moldar em futuros interesses de pesquisa e certamente o poder de transformar o que significa “fazer filosofia” para o olhar comum de quem estuda para concluir um curso.

Palavras-chave: monitoria; crescimento; reflexão ativa.



PENSAR A EDUCAÇÃO PARA UMA EDUCAÇÃO DO PENSAR: AUTORIDADE E TOTALITARISMO NA FILOSOFIA DE HANNAH ARENDT

Isael Rodrigues Pimentel

Mestrando em Educação – UFG

E-mail: pimentelisael@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa de mestrado tem por objetivo pensar a crise do pensar na educação contemporânea a partir da crise da autoridade segundo o pensamento filosófico de Hannah Arendt. Apesar de não ser uma pensadora da educação, a filosofia de Arendt lança luzes para se pensar a educação na contemporaneidade, marcada pela lógica do consumo e do fazer pelo fazer. Inserida em um contexto marcado pelo totalitarismo alemão do século XX, essa filósofa ultrapassa as categorias de bem/mal ao perceber que o mal não é simplesmente a ausência de bem, mas a ausência do pensar. Assim, é que o totalitarismo surge como uma resposta às necessidades do homem e da mulher contemporâneos, que, lançados em um mundo ausente de autoridade, se veem alheios a si mesmos, tendo como única esperança o mundo ficcional apresentado por ideologias totalitárias. Diante disso, a educação entra em crise, pois ela não consegue mais transmitir aos mais jovens o *amor mundi*. Este trabalho parte do seguinte problema: como a filosofia de Hannah Arendt pode contribuir para pensar uma educação do pensar em meio à crise da autoridade e o avanço do totalitarismo? A partir do exposto, esta pesquisa de mestrado tem por objetivo principal o de pensar a crise do pensar na educação contemporânea a partir da crise da autoridade. Como objetivos específicos têm-se: compreender os conceitos de autoridade e totalitarismo a partir da crise do pensar; refletir sobre a condição humana do pensar e a crise da autoridade na educação e seus desdobramentos totalitários; pensar a natalidade para o *amor mundi* através do pensar aquilo que se faz.

Palavras-chave: educação; autoridade; totalitarismo; *amor mundi*.



PODE UM NEURODIVERGENTE FILOSOFAR? TATEANDO RESPOSTAS

Guilherme Carneiro de Araújo

Graduando em Filosofia – UFG | E-mail: guilherme.carneiro@discente.ufg.br

Reginaldo dos Santos Gomes

Graduando em Filosofia – UFG | E-mail: rsgomes@discente.ufg.br

Resumo: Seguindo a máxima espinosana “Não zombar, não lamentar, não detestar, mas compreender” (Lenoir, 2019), é possível notar uma efusão de discursos sobre pessoas neurodivergentes ou pessoas neuroatípicas a partir de 1998, com os estudos da cientista social Judy Singer e do jornalista Harvey Blume. O que começou como uma teoria marginal veio a tornar-se o principal modelo de entendimento sobre neurodesenvolvimento. Antes de responder à pergunta que titula o presente trabalho, é preciso dar alguns passos atrás. Na história da filosofia, há um amplo debate entre dualistas e monistas (Teixeira, 2015). O primeiro grupo argumenta que existe uma entidade imaterial chamada alma, enquanto o segundo sustenta que tudo que existe é a matéria. A visão dualista foi a que mais imperou no Ocidente. Principalmente devido à influência judaico-cristã, mais precisamente a ramificação neopentecostal (Higuchi, 2020). Deslocar a alma do corpo fez com que surgisse uma série de anomalias como as “doenças da alma”. Depressão, TAG, TOC, TEA, TDAH, fobia social e afins costumam ser vistos como problemas da alma. Portanto, devem ser resolvidos com fé em Deus e não com tratamento médico. No entanto, filósofos como Espinosa (2023) sustentam uma visão mais holística da natureza humana. O problema não está fora do corpo como sugerem algumas pessoas. É através do corpo que podemos oferecer subsídios necessários para condições neuroatípicas. O presente trabalho propõe uma resolução desse conflito a partir de Teixeira (2018), Rezende (2023), Araújo (2023), Zillig (2023) e Kiköfel (2014). A conclusão pode parecer óbvia: neurodivergentes podem filosofar. Mas essa conclusão ainda é negada a algumas pessoas. A fim de elucidar o problema, tracejam-se caminhos para uma sociedade mais inclusiva.

Palavras-chave: Espinosa; neopentecostalismo; neurodiversidade.



PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE O LUGAR DO DEBATE NAS AULAS DE FILOSOFIA PARA O ENSINO MÉDIO

Tahinny da Silva Lobo

Graduada em Filosofia/Licenciatura – UFG

E-mail: tahinnylobo@discente.ufg.br

Resumo: Apresento, neste trabalho, um recorte da pesquisa sobre o ensino de filosofia, iniciada e levada a cabo nas quatro disciplinas de Estágio Obrigatório da Licenciatura e na disciplina de Monografia. Busco amparo no pensamento de Celso Favaretto (1993) para pensar um ensino da filosofia no qual os problemas da vida social e política (desigualdades sociais e de gênero, criminalização das drogas e do aborto, exercício da sexualidade, racismo, dentre outros) sejam temas de debate nas aulas de filosofia. Para quê? Para ampliar o espaço de discussão e compreensão desses mesmos problemas. A proposta dos debates está assentada em uma concepção de ensino e aprendizagem da filosofia que parte da observação e do diagnóstico, pelo(a) professor(a), das condições da escola, dos contextos nos quais os(as) estudantes estão inseridos(as) e como esses mesmos contextos afetam as vivências de cada um(a). A orientação metodológica vem dos passos sugeridos por Sílvia Gallo (2008): sensibilização, problematização, investigação e conceitualização. Esta proposta converge com a de Favaretto e sua defesa de que a filosofia, como disciplina escolar, sob a orientação do(a) professor(a), deve assegurar a participação dos(as) alunos(as) nos debates na sala de aula por meio do estudo prévio dos temas a serem debatidos. Para que seja construtivo, o debate deve estar baseado em referências a partir das quais os(as) estudantes poderão construir seus argumentos tendo em vista as concepções defendidas por um(a) autor(a) e/ou obras acerca de um tema específico. Para tanto, as(os) discentes serão orientados(as) a fazerem uma leitura crítica dos materiais propostos pelo(a) professor(a), para incentivar o exercício e a comunicação do pensamento, na busca de respostas para as necessidades de subjetivação de alunos(as) situados(as) em um determinado tempo (o presente) e espaço (a instituição escolar), em um mundo conflituoso e problemático.

Palavras-chave: ensino de filosofia; metodologia; problemas sociais.



QUAL O LUGAR DA ESCOLA E DO ENSINO DE FILOSOFIA NO CULTIVO DA SINGULARIDADE DAS(OS) ESTUDANTES?

Lorrany Mendes Lima

Graduanda em Filosofia/Licenciatura – UFG

E-mail: lorranymendes@discente.ufg.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar minha pesquisa, em curso, na Licenciatura em Filosofia da UFG, nas disciplinas do Estágio Curricular Obrigatório. Levando em consideração a instituição escolar, inserida em uma sociedade de massa que visa à homogeneização e à reprodução de comportamentos irreflexivos, é indispensável uma formação que se comprometa em explorar e potencializar as diferenças em sala de aula. Para isso, o ensino de filosofia torna-se indispensável, pois ensinar filosofia é propiciar um espaço para que aconteça uma experiência de aprendizado, de forma com que a(o) estudante participe ativamente do processo de elaboração do pensamento. O cultivo da singularidade é essencial para que as(os) estudantes tenham uma formação que valorize suas diferenças considerando o que são, seres singulares, com capacidades e afinidades distintas. Assim, em minha experiência na escola-campo de estágio, observei que as práticas de ensino tradicionais reproduzidas em sala ofuscam as singularidades das(os) estudantes. Minha pesquisa é voltada então, a pensar um ensino de filosofia que leve em consideração as diferenças e, para tanto, busco em bell hooks (2017) alternativas para transformar essas práticas. bell hooks defende uma educação como prática da liberdade, na qual haja uma interação entre a(o) professor(a) e as(os) estudantes, proporcionando uma quebra na hierarquia estabelecida historicamente nas salas de aula. Além disso, ela irá apontar a importância de conhecê-las(os), suas histórias e, principalmente, o contexto no qual se inserem, levando em consideração os marcadores sociais de gênero, raça e classe. Minha proposta é pensar de que maneira o ensino de filosofia pode problematizar e explorar as potencialidades e singularidades das(os) estudantes em um contexto no qual a instituição educacional se preocupa mais com a homogeneização do que com o processo educativo singular das(os) estudantes. Essa perspectiva visa ao combate de uma educação homogeneizadora e aposta no cultivo da singularidade das(os) estudantes.

Palavras-chave: singularidade; ensino de filosofia; bell hooks.



QUESTÕES SOBRE VALOR ESTÉTICO E VALOR ARTÍSTICO NA DICOTOMIA *MAINSTREAM* X *UNDERGROUND*

Wander Arantes de Paiva Segundo

Doutorando em Filosofia – UFG

E-mail: segundo666hellawaits@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a atribuição de valores estéticos e artísticos nas obras de arte classificadas a partir da dicotomia, bastante em voga no período pós-moderno, que costuma separar e classificar obras de arte sob o ponto de vista de que se estas se encaixam ou não na chamada *mass media* e se têm ou não valor de mercadoria a ser consumida de acordo com os ditames da sociedade de consumo estabelecida a partir de meados do século XX. Primeiramente, iremos definir os conceitos de *mainstream* e *underground*, observando que, além do ponto de vista mercadológico, existem questões políticas e ideológicas indissociáveis às duas formas de produção artística sob as quais se pode determinar quais seriam os valores estéticos e artísticos a serem atribuídos às obras de arte, tratando-se assim de conceitos fluidos repletos de contradições e paradoxos e que podem ser ao mesmo tempo contrastantes e complementares. Na segunda parte, tentaremos resolver a questão da atribuição ou não atribuição de valores estéticos e artísticos a partir das obras de Lopes e analisaremos rapidamente dois casos paradoxais sob o ponto de vista abordado: o cinema de terror e a música brega brasileira. Para isto utilizaremos como base teórica o texto “The myth of artistic value”, de Dominic Mc Iver Lopes, algumas obras dedicadas aos estudos contraculturais como *A filosofia do punk*, de Craig O’Hara, e *Uma introdução ao cinema underground americano*, de Sheldon Renan, e os artigos “Dos fluxos midiáticos entre o *mainstream* e o *underground*: os encontros e desencontros de Madonna e as subculturas” de Adriana da Rosa Amaral e Caroline Govari, e “Entre o *mainstream* e o *underground*: origens, trajetórias e capitais nos dois polos do rock brasileiro dos anos 1980”, de Tiago Barros Rosa.

Palavras-chave: estética; *underground* x *mainstream*; Dominic Lope.



REFLEXÕES SOBRE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E BEM COMUM A PARTIR DA FILOSOFIA DE ESPINOSA

Victor Fiori Augusto

Doutorando em Filosofia - UFG

E-mail: vicfiori@gmail.com

Resumo: A proposta desta comunicação é evidenciar de que maneira, para Espinosa, a participação política direta tem caráter formador e contribui para que as decisões políticas sejam mais conformes à razão (e, assim, ao bem comum). Para tanto, inicialmente, teceremos algumas considerações sobre a ideia de razão (*ratio*) na *Ética* de Espinosa, mostrando que a razão não constitui para ele um mero instrumento de cálculo dos meios necessários para a obtenção de um fim (razão instrumental), mas envolve a compreensão das propriedades comuns das coisas e daquilo que, sendo útil a cada ser humano, é comumente útil a todos. Na sequência, buscaremos enfatizar a importância do conceito de proporção (*ratio*) no pensamento político espinosano, a qual pode ser vista na íntima relação traçada pelo filósofo entre quantidade e qualidade no capítulo VIII do *Tratado político*. A fim de dar maior concretude a essas ideias, refletiremos sobre o relato de uma estudante secundarista acerca de uma violência ocorrida no contexto de uma ocupação escolar em 2015, caso a partir do qual se pode perceber como a participação política direta permite emendar certos preconceitos e certas práticas autoritárias e, assim, aperfeiçoar a vida coletiva, o que também se pode apreender a partir de duas passagens do *Tratado político*, a saber, cap. VII, art. 27, e cap. IX, art. 14, que serão discutidas em nossa conclusão.

Palavras-chave: Espinosa; participação política; bem comum.



SCHOPENHAUER E A *KALISANTARAṆOPANIṢAD*

Roberto Pereira Veras

Pós-doutorando em Educação – UCB

E-mail: roberto.veras.cmb@gmail.com

Resumo: Este trabalho intenta explicitar de modo precursor a base elementar da metafísica do leste indiano presente no pensamento fundante de Arthur Schopenhauer (1788-1860) em sua obra máxima *O mundo como vontade e representação*, de 1819. Assim procedendo, iremos apresentar de modo hermenêutico-conceitual a perspectiva do mestre espiritual Adi Sankara (788-820), em seus profundos comentários sobre os *Upanishads*, mais especificamente a *Kalisantaraṇopaniṣad*. Nesse espectro místico hindu, veremos a importância do *Advata Vedanta* na edificação das bases propedêuticas esotérico-ontológicas do ser. Utilizaremos textos complementares de autores como Erich Frauwallner, Arthur B. Keith, Franklin Edgerton, F. Max Müller e A. E. Gough para uma maior concepção do tema.

Palavras-chave: Adi Sankara; Advata Vedanta; Upanishads.



SOBRE AS IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DA TEORIA DOS SONHOS DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Jonathan Postauê Marques

Graduado em Filosofia - UFMS

E-mail: jonathan.postauê@ufms.br

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo apresentar a teoria dos sonhos proposta por Arthur Schopenhauer e suas implicações epistemológicas. Para tanto, será utilizada a coletânea *Para uma metafísica do sonho* (2023), contendo textos traduzidos pelo filósofo Márcio Suzuki, sendo eles: “Especulação transcendente sobre a aparente intencionalidade no destino do indivíduo”, um enxerto de “Ensaio sobre a vidência”, além de fragmentos dos manuscritos póstumos de Schopenhauer, relacionados à fisiologia e à dramaturgia onírica e, a fim de complementar os estudos sobre a fisiologia em Schopenhauer, será utilizada a obra *Sobre a vontade na natureza* (2018). Schopenhauer ressalta que, nas experiências oníricas da vida consciente, existe um poder secreto que coordena os eventos dos sonhos, que, no entanto, parte de nós mesmos: trata-se de nossa própria vontade. Ela é a real condutora dos eventos nos sonhos, mas de um modo tal que não entra em nossa consciência onírica. Ademais, mesmo que o sujeito do sonho tenha pouco juízo ou falta de memória, ainda sim existe uma força ativa no cérebro. De acordo com Schopenhauer, por mais que não saibamos explicar o mistério dos acontecimentos dos sonhos no interior do cérebro, é inegável que ele tem um papel fundamental nesse processo. Embora a abordagem fisiológica de Schopenhauer sobre os processos internos seja inatual, os sonhos são explicados com um discurso misto que integra elementos das ciências da natureza com questões de ordem metafísica e, nesse sentido, busca-se dar uma explicação que abarca as variadas dimensões da experiência onírica. Sendo assim, parece que a epistemologia contida na teoria dos sonhos schopenhaueriana pode contribuir, em alguma medida, para o problema contemporâneo do método na filosofia: trata-se de se pensar um tipo de método que possa integrar os resultados da filosofia e as ciências da natureza, a respeito do mecanismo de funcionamento dos sonhos.

Palavras-chave: epistemologia; sonho; Schopenhauer.



VERDADE E POLÍTICA EM TEMPOS DE INFOCRACIA: ENTRE HANNAH ARENDT E BYUNG-CHUL HAN

Kaique Agostinetti

Doutor em Comunicação – UnB e graduando em Filosofia – UFG

E-mail: kaiqueagostinetti@gmail.com

Resumo: Numa das passagens mais relevantes do ensaio “Verdade e política” (1967), Hannah Arendt nos diz: “onde todos mentem acerca de tudo que é importante aquele que conta a verdade começou a agir [...]”. Embora esse diagnóstico arendtiano estivesse ligado à história do século XX, ele parece se relacionar ainda mais diretamente com nossas experiências comuns no século XXI. Vivemos numa época marcada pela criação sistemática de mentiras e pela propagação dessas falsidades deliberadas nas redes sociais digitais. Nessas circunstâncias, parece que a coragem de dizer a verdade e, principalmente, as verdades de fato se tornaria, para Arendt, uma virtude política, e a ação que dela decorre se imporia, com urgência, como um fator político de primeira grandeza: tratar-se-ia de um primeiro passo na transformação do mundo. Contudo, a crença exagerada na resistência e no poder transformador das verdades pode ser, em nosso contexto, demasiado ilusória. Na obra *Infocracia* (2021), o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han entende que vivemos sob um novo regime de poder em que as informações ultrapassam as verdades de modo que estas se tornam ineficazes na luta contra a infodemia. Para esse autor, “a época da verdade evidentemente passou. O regime da informação recalca o regime da verdade”. Neste trabalho, investigo as relações entre verdade e política nas obras de Hannah Arendt e Byung-Chul Han. Busco evidenciar aproximações e distanciamentos nos pensamentos desses dois autores, examinando as críticas que o filósofo sul-coreano dirige à autora alemã. Pretendo igualmente pensar de que modo as considerações de Arendt sobre o tema podem ainda nos ajudar a compreender nosso contexto. Por último, esforço-me para encontrar, tanto na obra de Arendt quanto na de Byung-Chul Han, pistas sobre novas possibilidades para a ação em tempos de infocracia.

Palavras-chave: verdade; política; regime da informação.




“UM PROBLEMA PARA MÚSICOS” NÃO É UM PROBLEMA MUSICAL: GRANDE SAÚDE E CULTURA N’O CASO WAGNER DE NIETZSCHE

Fernando da Silva Machado

Mestre em Filosofia – UFG

E-mail: fernandomusfil@gmail.com

Resumo: Com base na fisiologia, nas fontes que leu e em seu alinhamento teórico com os importantes autores da psiquiatria médica e da psicologia experimental da década de 1880, o que, em última análise, também conecta Nietzsche a uma tradição experimental ainda em desenvolvimento, o autor mobilizou e fortificou uma posição normativa quanto ao uso instrumental. Ele visou aproximar a *fisiologia aplicada* de uma fisiopsicologia da música (hipótese prescritivista e culturalista de nossa autoria) a partir da chave de leitura que propomos a esmiuçar. A saber, da *Grande Saúde (die grosse Gesundheit) n’O caso Wagner*. Isto pode significar, para Nietzsche, que o impacto da arte de Wagner no corpo de uma cultura e as novas condições de saúde coletivas deverão ser medidas a partir de Wagner, “artista da *décadence* – eis a palavra”, que é, para Nietzsche, “E aqui começa minha seriedade”, um *décadent* que “nos estraga a saúde – e a música além disso!” (WA/CW 5). Entendemos que, ao recolocar em discussão uma análise fisiopsicológica da música (na esteira de uma fisiopsicologia e fisiologia da arte num primeiro momento), e suas implicações para a estética nietzscheana ou, o que nomeamos, de *filosofia experimental da música*, em sintonia com a definição da *estética como fisiologia aplicada* proposta por Nietzsche em *O caso Wagner*, isso incentiva-nos a delinear um *programa de estética aplicada* (na forma de uma *filosofia experimental*). A modalidade experimental de sua aplicabilidade só poderia, ademais, direcionar a filosofia da música nietzscheana para dimensões outras de pensamento por meio das quais se torna notório o ajuntamento dos conceitos do que leu, e à sua maneira, e o modo como que integrou essas influências a seu *corpus* filosófico. Teorizamos que a proposta de Nietzsche



é mais global neste sentido, isto é, para se entender a música (como fenômeno musical), e mesmo o “problema Wagner” em sua obra tardia, devemos iniciar por pensar na prerrogativa da existência de uma patologia na música do ponto de vista crítico-cultural e não da perspectiva formal (analítico e estrutural) ou estética. Quando retoma Wagner em seus escritos maduros, Nietzsche almeja que seus postulados estéticos desse período respondem antes ao *status* autorregulador, portanto, normativo-discursivo, de uma análise genérica em fisiopsicologia da música munida de um direcionamento crítico antropológico-cultural. Entendamos a provocação do subtítulo *d’O caso Wagner*: “um problema para músicos” (e não “um problema musical”), quando se supõe, segundo nossa maneira de abordá-lo, conhecimentos em fisiologia médica e psicologia, e não propriamente, ou tão somente, musicais. Esse fator singular de tal apropriação realizada por Nietzsche permite-nos discutir o estatuto mesmo da música. Para tanto, precisamos articular noções capitais, como, *Grande saúde* e cultura musical.

Palavras-chave: Nietzsche vs Wagner; Grande Saúde; cultura musical.



UMA ABORDAGEM FEMINISTA DOS ESTILOS DE NIETZSCHE

Luciene Marques de Lima

Doutoranda em Filosofia – UFG

E-mail: lucienemarquesdelima@gmail.com

Resumo: Popularmente conhecido por “filosofar com o martelo”, reputado por suas filosóficas transgressões e polêmicas, Nietzsche segue sendo um filósofo complexo e, ao mesmo tempo, instigante. Não invariavelmente o contato com sua obra e sua filosofia desperta inquietações e achaques, o que é considerado por muitos estudiosos como reações legítimas aos seus escritos cujo tom é, quase sempre, provocativo. Tal sentimento de recusa ou mesmo desprezo à sua filosofia parece padecer de uma majoração, um alastramento, quase uma reação em cadeia engatilhada por seus escritos referentes ao tema da mulher, comumente estopim para ataques pessoais como a alegada misoginia do filósofo ou a sua incapacidade para a manutenção de relações saudáveis com as mulheres de seu círculo social. Em que pese tais acusações, a inquietação que move este estudo não é da ordem das vivências pessoais do filósofo, mas sim o intuito de compreender como este insere o tema da mulher no conjunto de sua filosofia. Um dos tópicos do desenvolvimento de minha tese, resultante do projeto de pesquisa de meu doutoramento junto ao PPGFIL-UFG e intitulada *A mulher e o Além-do-Homem: Nietzsche para novas perspectivas quanto ao dualismo de gênero*, a compreensão das formas da escrita de Nietzsche, mostrou-se fundamental para uma interpretação menos hostil do tema da mulher na sua filosofia. Por essa razão, proponho uma breve retomada da temática dos “estilos de Nietzsche” com ênfase no escopo dos tópicos referentes ao gênero, especificamente à mulher. Sendo assim, “Uma abordagem feminista dos estilos de Nietzsche” pretende visitar os estudos acerca das variações estilísticas na escrita e no filosofar de Nietzsche, objetivando uma leitura de seus textos que permita uma interpretação menos hostil do labiríntico tema da mulher.

Palavras-chave: estilos; mulher; Nietzsche.



UMA ABORDAGEM SOBRE A TEORIA DO CAPITAL HUMANO A PARTIR DE PAUL PRECIADO

Luiz Roberto dos Santos Corrêa Neto

Graduado em Ciências Sociais/Licenciatura – UFG

E-mail: luiz.roberto@discente.ufg.br

Resumo: A Teoria do Capital Humano, pautada nas ideias de Theodore W. Schultz, se baseia em uma perspectiva que considera o ser humano e suas capacidades como formas de capital. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar em que medida as observações realizadas por Paul Preciado a respeito do trabalho de John Money, nas quais Preciado aponta que Money considera o gênero como passível de ser construído tecnologicamente, podem ser relevantes para explicar a perspectiva de Schultz a respeito da espécie humana. Esse objetivo se justifica a partir de uma percepção de que tanto Money quanto Schultz se situam historicamente em um contexto de transição para o pós-fordismo e ambas as teorias – a teoria de gênero de Money e a Teoria do Capital Humano, fortemente influenciada por Schultz – se tornaram hegemônicas, expressando-se como teorias não apenas descritivas, mas normativas. Dessa forma, a hipótese do trabalho é de que Schultz, ao considerar o humano como uma forma de capital, adere a uma perspectiva que concebe o ser humano como algo passível de ser construído. A metodologia utilizada é o levantamento e revisão bibliográfica acerca da Teoria do Capital Humano, do trabalho de Paul Preciado, bem como de textos de autores(as) que oferecem chaves de interpretação importantes para a compreensão do capitalismo pós-fordista, do conceito de humano e do conceito de capital. Os resultados esperados se concentram em responder ao objetivo proposto e na confirmação ou rejeição, parcial ou total, da hipótese supracitada, explicitando possíveis motivos que levaram a tais resultados.

Palavras-chave: Teoria do Capital Humano; humano; Paul Preciado.



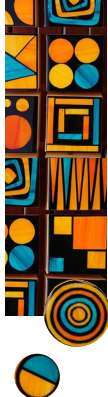
UMA FILOSOFIA DA MENTE EXPERIMENTAL: SOBRE INTERAÇÕES PRAGMÁTICAS COM MÁQUINAS DE CONSCIÊNCIA ARTIFICIAL

Arthur Augusto Alves de Oliveira

Graduando em Filosofia – UFG

E-mail: arthuraugusto@discente.ufg.br

Resumo: As ferramentas contemporâneas chamadas de Inteligências Artificiais (IAs), embora apresentem uma engenharia interna distanciada de alguns modelos de mente, em que se tomam a corporeidade e a experiência subjetiva como fatores relevantes para a vida mental, tiveram êxito em se estabelecer em muitos espaços onde é requerida atividade de entidades inteligentes, de tal forma que, limitadas às suas contextualidades, efetivamente ocupam essa posição. Argumento que, apesar da atipicidade encontrada na arquitetura cognitiva de seus modelos computacionais, e do instrumentalismo capitalista inerente ao seu modo de criação, a validação e a compreensão popular das IAs enquanto entidades cognitivamente relevantes, pode ser entendido pelo que chamo de critério pragmático de suficiência. Elucidando esse critério, pretendo demonstrar como o pragmatismo envolvido nessas interações cognitivas reais permitiria uma nova empreitada filosófica, pensando e realizando tipos de mente e consciência num cenário tecnológico, onde sejam corporificadas e afastadas do centralismo cognitivo humano tipicamente visto nos estudos das vidas mentais. Desloca-se, assim, o privilégio epistêmico dos modelos de mente apresentados como estruturas exclusivamente internas e abstratas em direção a um modelo equilibrado que, embora não ignore o valor cognitivo das disposições corporais internas, se efetive como filosofia experimental, na qual as interações efetivas dos agentes em um ambiente compartilhado revelem a atividade de uma consciência outra, formada por modelos cognitivos tecnologicamente realizados e filosoficamente arquitetados. Esse constructo teorizado, apelidado “consciência artificial”, compartilha a roupagem corporificada e situada da tradição enativista e segue a ideia do “como é ser” de



Thomas Nagel, que pensa a tipicidade das vidas mentais não humanas a partir da autenticidade própria do modo de existir de cada organismo. Para entender como o constructo pode se fazer suficientemente consciente e interagir ativamente com humanos, conversei com Gallagher e Zahavi, em sua teoria sobre o entendimento de outras mentes a partir de contextos de linguagem e ação intersubjetivos e situados.

Palavras-chave: pragmatismo; consciência artificial; Filosofia da Mente.




UNIVERSIDADE OPERACIONAL E PRÁTICA FILOSÓFICA: CAMINHOS PARA CONCEPÇÕES CRÍTICAS DE AUXÍLIO PEDAGÓGICO

Ysnay Barbosa Santos

Graduando em Filosofia – UFG

E-mail: ysnaybarbosa@discente.ufg.br

Resumo: Pretende-se elaborar uma visão crítica, capaz de apontar debilidades na concepção e na execução do programa de monitoria diante dos desafios de se pensar a universidade pública na atualidade. Para tanto, será utilizada a concepção de “universidade operacional”, da filósofa Marilena Chaui, em diálogo com a filosofia de Theodor Adorno e Max Horkheimer, com o intuito de estabelecer uma síntese entre a análise de Chaui e os caminhos oferecidos pela teoria crítica. Orientada por uma concepção crítica da produção filosófica e científica, Chaui conceitualiza diversas formas de concepção e organização das universidades. Para descrever os modelos atuais das universidades, a autora emprega o termo “universidade operacional”, colocando como questão central do debate a produtividade, componente-chave para a organização das instituições de ensino superior, que se encontram subordinadas à lógica de produção neoliberal. “Organização” é um ponto importante para esta análise, pois caracteriza como as forças produtivas são orientadas e alocadas, sendo possível, a partir dessa concepção, deduzir paralelos entre o funcionamento da universidade e a ideologia do modo de produção capitalista, guiado pelo neoliberalismo como prática. Nesse sentido, conceber programas de auxílio pedagógico e assistência estudantil, como é o caso do programa de monitoria, perpassa por compreender o que é e como opera a universidade pública em nosso tempo. As reflexões contidas em *Dialética do Esclarecimento* (1944) mostram-se alinhadas ao pensamento de Chaui, apontando como a organização em um sistema que, a partir de uma ideologia centrada na produtividade, instrumentaliza a razão de modo a se autopropetuar e ditar a produção, nesse caso, acadêmica. Compreendendo os desafios em cultivar o pensamento filo-



sófico de forma crítica em nossas universidades, *Notas marginais sobre teoria e práxis* (1969) fornece ferramentas para compreender a atividade acadêmica em diálogo com relações de trabalho, podendo mediar intervenções práticas no ambiente universitário.

Palavras-chave: universidade operacional; teoria crítica; práxis.



RELATÓRIOS PIBID





RELATÓRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID 2022 -2024

Mariana Fernandes e Silva

Graduanda em Filosofia/Licenciatura – UFG

E-mail: fernandes.mariana@discente

Resumo: Este relatório apresenta a avaliação final do processo formativo e relacional das alunas e dos alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Edital Capes 23/2022, na escola-campo CEPI Juvenal José Pedroso, durante o período de 2022 e 2024, sob a supervisão do coordenador de área responsável na IES, Almiro Schulz, e do supervisor responsável na escola, Paulo Henrique Luiz Barbosa. Por meio deste relatório, tenho como objetivo explicitar minhas experiências a partir de uma análise pessoal e acadêmica pautada pelo uso proposto da bibliografia básica e dos demais materiais midiáticos (livros e filmes) para a formação de alunas(os) bolsistas do programa PIBID e alunas(os) da escola-campo CEPI José Juvenal Vila Pedroso. O foco é analisar as relações entre alunas(os) bolsistas do programa e a comunidade escolar, visando à interlocução entre escola e universidade, a relação aluno e professor e as dificuldades de alcançar alunas e alunos em seus interesses midiáticos (livros, mangás, filmes, vídeos e demais materiais) sob o ponto de vista do processo formativo de alunas(os) de graduação em licenciatura da Faculdade de Filosofia.

Palavras-chave: PIBID; relatório, docência.



RELATÓRIO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA – PIBID 2022 -2024

Raquel Souza Silva

Graduanda em Filosofia/Licenciatura – UFG

E-mail: raquel_souza@discente.ufg.br

Resumo: O trabalho a ser tratado apresenta a avaliação final da experiência formativa e relacional dos estudantes beneficiários do programa Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no período de 2022 a 2024, na escola-campo CEPI Juvenal José Pedroso. O processo foi supervisionado pelo coordenador de área da instituição de ensino superior, Almiro Schulz, e pelo supervisor da escola, Paulo Henrique Luiz Barbosa. O relatório tem como objetivo a junção de informações relevantes para uma análise crítica e com isso compartilhar minhas reflexões pessoais e acadêmicas, fundamentadas na utilização da bibliografia essencial e outros materiais, como filmes, documentários, literatura, para a formação dos bolsistas do PIBID e dos estudantes da CEPI José Juvenal Vila Pedroso. O foco está na análise das interações entre os bolsistas do programa e a comunidade escolar, promovendo o diálogo entre universidade e escola, assim como a relação entre alunos e professores, a compreensão da dinâmica da sala de aula e o ambiente escolar, além dos desafios encontrados ao tentar abordar os interesses particulares e a vivência individual dos estudantes.

Palavras-chave: PIBID; relatório; docência.



SOBRE O E-BOOK

Tipologia: Barlow

Publicação: Cegraf UFG
Câmpus Samambaia, Goiânia,
Goiás. Brasil. CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
<https://cegraf.ufg.br>

